

ALMANAQUE ALENTEJANO



Ano 8 - 2ª Série - N.º 8 - 2012

Cultura • Património • Ambiente • Tradição

FNV *contabilidade*

Consultadoria e Serviços, S.A.

ESPECIALISTAS NAS SEGUINTE ÁREAS:

- IMPLEMENTAÇÃO DO NOVO SNC – SISTEMA NORMALIZAÇÃO CONTABILÍSTICA.
- FORMAÇÃO DO NOVO SNC – SISTEMA NORMALIZAÇÃO CONTABILÍSTICA.
- ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA CONTABILIDADE.
- IMPLEMENTAÇÃO DE PROCEDIMENTOS E MANUAIS GESTÃO.
- RECUPERAÇÃO E GESTÃO DAS CONTABILIDADES.
- ESTUDOS DE RACIONALIZAÇÃO DE SISTEMAS GESTÃO.
- ESTUDOS SOBRE A FISCALIDADE DA EMPRESA.
- AVALIAÇÃO DE EMPRESAS E ORGANIZAÇÕES.
- PARECERES SOBRE NECESSIDADES DE FINANCIAMENTO.
- ORIENTAÇÕES SOBRE FONTES FINANCIAMENTO A RECORRER.
- PLANEAMENTO ORÇAMENTAL E FINANCEIRO.



Almanaque Alentejano

2012 - Ano VIII - N.º 8 - 2.ª Série
Revista anual, editada em Dezembro de 2011

Capa:

Rua - Quando o Sol tomba

Director e Editor:

Luís B. B. Jordão

Colaboraram neste numero:

Ana Paula Venceslau, António Almeida, António Diogo Sotero, António Galvão, António José Zuzarte, Bahia, Bernardo Matos, Bruno Lopes, Carlos A Ferraz da Conceição, Carlos Patrício Alvares (Chaubet), Domingos Rações Santos, Elsa Lopes, Fátima Marques, Fernando Manique, Francisco M. Constantino Pinto, Gabriel Raimundo, Guilherme Alves Coelho, Graça M. V. Anjos Jordão, H. Mourato, Isabel Jordão, Isabel Pulquério, José Carmo Francisco, José Simão Miranda, José Roque, José Mora de Campos, Luís Filipe Maçarico, M. Parissy, Manuel Lopes, Manuel Rodrigues (Sapateiro), Maria L. F. Braga, Maria Olivia Dimiz Sampaio, Milheiras Cortiço, Moisés Cayetano Rosado, Napoleão Mira, Nuno Rebocho, Ofélia Sequeira, Pedro Cuncos, Sónia M. P. Silva, Vivaldo Quintans.

Produção:

Esforço conjunto de

Luís B. B. Jordão e de Audiaplano

Tel./Fax 218 878 001 . E-mail: luis.jordao@clix.pt

Rua de S. Tomé, 37 - r/c - 1100-561 Lisboa

Impressão:

Ciência Gráfica, Lda

Estrada Nacional 10, Km 140-100

2695-066 Bobadela • Tel.: 21 994 71 20

Email: geral@cienciagrafica.pt

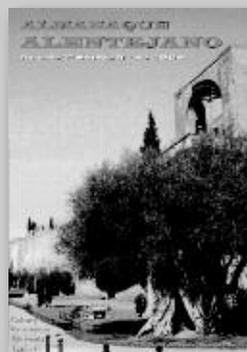
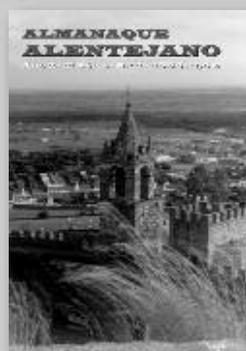
ICS: 124715

Dep. Legal: 221322/05

ÍNDICE

A FORTALEZA	
DE CASTELO DE VIDE	7
JOÃO CANDIDO DE CARVALHO	
(RABECÃO)	8
ARRAIOLOS, TERRA DE JUDEUS	10
O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA FABRICA	
DOS LEÕES, EM ÉVORA	11
A IMPORTÂNCIA DO LIVRO	
O DESTINO DOS LIVROS	12
SINTETIZANDO A HISTORIA DO CIRCULO	
NACIONAL D'ARTE E POESIA	14
CANTAR ALENTEJO	16
GUITARRA CAMPANIÇA	17
AQUELLOS CARNAVALES	
(AÑORANZA DE UN TIEMPO QUE SE VA)	18
À MARGEM	19
QUANTAS ESTRELAS	
PRIMEIRAS CHUVAS EM MONFORTE	
MONFORTE-PENÚLTIMA	
MANHÃ DE SETEMBRO	20
POR ONDE PASSO	21
ALENTEJANA	22
FOGO	23
RECADOS MANDADOS DA ILHA	24
AGRADEÇO A TI	25
SER ALENTEJANO	26
QUANDO EU VOLTAR A SERPA	27
POETA LIVRE	28
UM ALENTEJANO EM LISBOA	29
MARVÃO, MARVÃO	30
O FENECER DAS CASAS	
DE REGIÃO EM LISBOA	31
ACÇÃO SOCIAL NO ALENTEJO	32
O DÉFICE 2012	33
A LIÇÃO DE FUKUSHIMA	35
AVIFAUNA - O CUCO	37
O SENHOR DA BOA VIAGEM	39
A LUZ DA SOMBRA	42
RUFINO E FIRMINO, INIMIGOS?	43
A FORCADAGEM	
FORCADOS AMADORES DE SÃO MANÇOS	46
O TOUREIO E AS ARTES	48
TEMPOS DOUTRO TEMPO	50
OUTROS TEMPOS... OUTROS ESPAÇOS	
AS MESMAS RAZÕES	51
PROFISSÕES ABATIDAS	52
ACULINÁRIA DO ALENTEJO	
APRECIADA POR TURISTAS LUSÓFONAS	53
UM PETISCO DE OUTRO MUNDO	
BORRACHOS À MINHA MODA	54
ERVAS AROMÁTICAS	
MEDICINAIS E ALIMENTARES	55
AS PALAVRAS CRUZADAS	56
ANUARIO - CALENDÁRIO, FERIADOS,	
FASES DA LUA, ECLIPSES, ESTAÇÕES	
DO ANO, LEGISLAÇÃO SOBRE HORA LEGAL,	
ASTROLOGIA	60

Capas IIª Série





EDITORIAL

Um dia destes a cavilha salta...

No dia Vinte e Cinco de Abril de Mil Novecentos e Setenta e Quatro, no Largo do Carmo, em Lisboa, quando e onde quase tudo se deu, entre tantos outros, eu estava lá, pendurado do engradado de uma janela para tudo/tanto ver e tudo/tanto ouvir. Os pensamentos baralhando-se em louca e turbilhante ebulição.

Foram um dia e uma noite em que a realidade e os sonhos se misturaram. Foi um espaço tempo curto/longo cheio de muitas/imensas/indiscritíveis emoções e enormes alegrias. Era estar nas nuvens. Era uma espécie de inebriante estado de graça.

Agora, quase quarenta anos depois desse tempo de ilusão e sonhos, ensombream e conturbam os meus dias e as minhas noites estranhas imagens de gente manhosa, sem qualquer pingão de moral, de vergonha ou escrúpulo: especuladores, agiotas, traficantes de tudo, golpistas, corruptos e corruptores e/ou seus apaniguados e encobridores, alguns deles alternando o cargo de deputados/governantes/directores gerais com o de administrador/representante de grandes grupos empresariais. Isto é, legislando/governando para si ou para os seus asseclas ou mandantes.

Como foi possível que esta gentinha eleita e suportada e engordada pelo povo (nós), que nos (des)governa, alternando-se e/ou misturando-se (PSD/PS/CDS), década-após-década, nos tenha trazido à terrível/dramática situação em que nos encontramos? Como é possível que esta nova espécie de “descamisados” que ateimamos continuar sendo consinta isso? Em que cambada de marionetas deixamos que nos transformassem?...

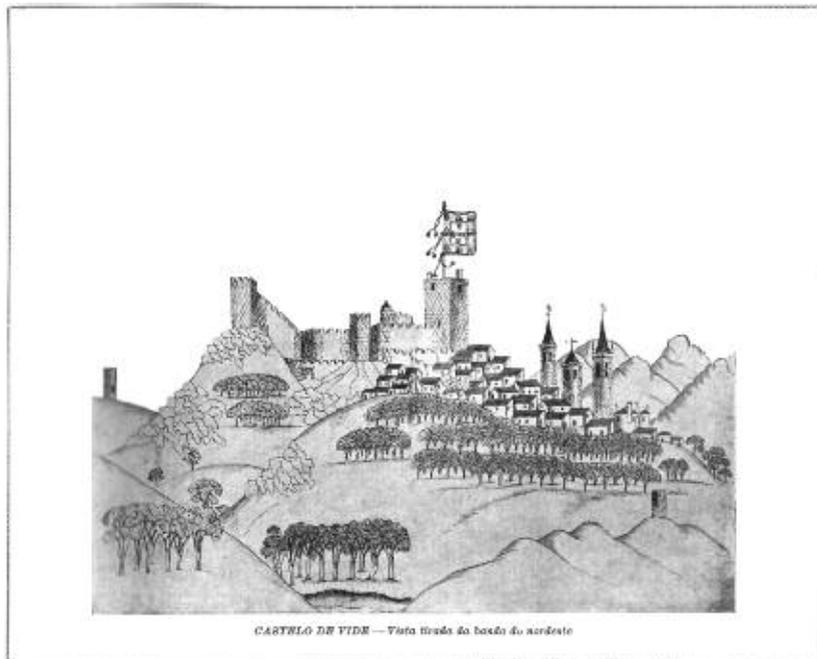
(Um penico. / Como tal me sinto / em mais este despontar de ano // Eu, / simples / e sacaneado cidadão comum, / não consigo evitar / nem os cus / nem os aparelhos mijatórios / que sobre mim se aliviam. // Estranhos / são os desígnios que regem / este meu teimoso / e manso aguentar. // Um dia destes a cavilha salta...)

Peço desculpa de Vos maçar com estas espécies de gritos/desabaços e apelo ao pensamento, mas quando olho para a frente não consigo desligar-me do que está para trás. Por isso, quanto ao futuro, sinceramente, para além de revoltado e triste e envergonhado sinto-me verdadeiramente acagaçado, por mim e por outros que tais, que ao longo dos anos afinadamente trabalharam e pagaram impostos e ainda para além disso com actos voluntariosos/generosos/desinteressados deram o “coirão ao manifesto” por esta e/ou aquela causa justa, bem como pelos nossos descendentes.

Sinceramente acho que de facto a cavilha está prestes a saltar...

DO “LIVRO DAS FORTALEZAS” DE DUARTE DARMAS
edição de 1943, fac-símilada da de 1520/30)

A FORTALEZA DE CASTELO DE VIDE



Es Vila de Castelo de Vide situada na encosta de um pequeno monte que se levanta à saída do desfiladeiro Marvão-Castelo de Vide, aberto no maciço montanhoso das serras de S. Mamede e de Portalegre. (os Hermínios Menores da Lusitânia) e por onde passa a importante estrada internacional que vem de Valência de Alcântara.

A sua fundação é antiquíssima, concluindo-se, pelos vestígios existentes, que teve como primeira fortaleza um castro de povoamento, mais

tarde transformado num oppidum. A importância da sua situação militar foi sempre grande, desde os tempos da pré-história, visto comandar uma das mais importantes comunicações entre a estremadura espanhola e o Alto Alentejo.

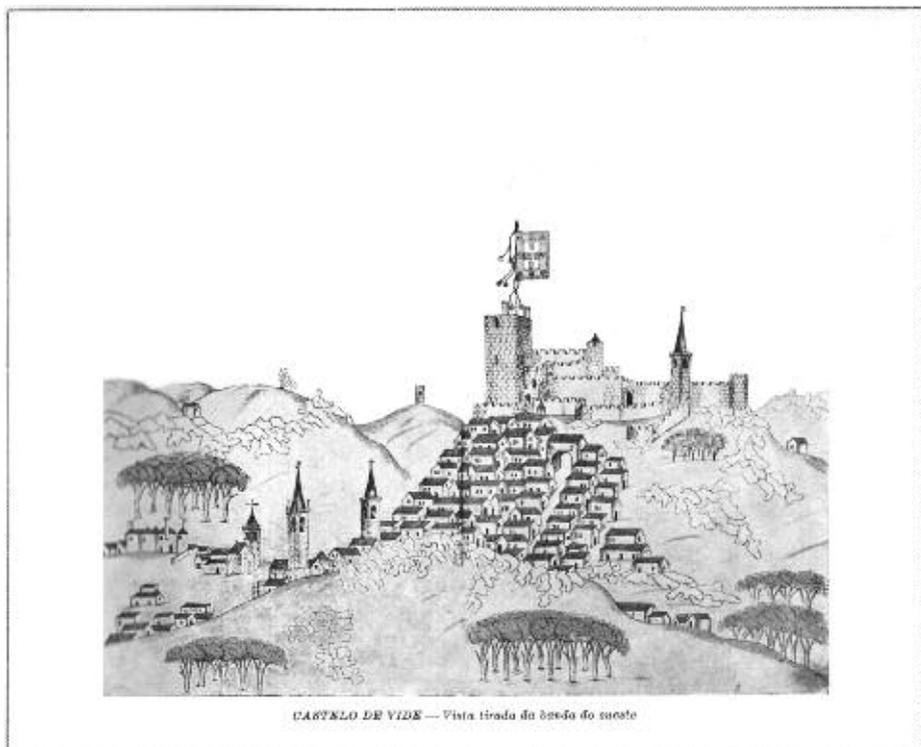
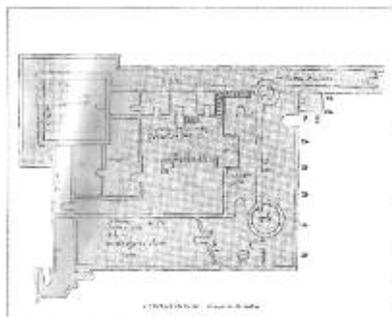
Por esta razão os romanos teriam transformado, segundo a sua técnica castrense, o oppidum lusitano, que devia ser à sua chegada, numa sólida fortaleza.

Foi tomada aos mouros por D. Afonso Henriques, não se sabe em

que ano. Êste rei mandou logo restaurar o castelo romano, e doou a vila ao bravo companheiro de seu pai, o Conde D. Henrique, nas lutas contra os mouros, Gonçalo Mousinho.

Arruinado o castelo nas lutas contra os leoneses e castelhanos, D. Denis, em 1299, mandou-o restaurar e ampliar, levantar a tôrre de menagem e cercar a povoação de uma alta muralha, a qual, segundo se crê, só foi terminada no tempo de D. Afonso IV. Deu foral à vila, em 1310, no qual concedia muitos privilégios e insenções aos moradores.

Mais tarde D. Manuel teria mandado restaurar a fortaleza de Castelo de Vide, muito arruinada pelas lutas com os castelhanos, devendo ser essa a representada nos desenhos de Duarte Darmas.



CASTELO DE VIDE — Vista tirada da base do castelo

JOÃO CÂNDIDO DE CARVALHO

(RABECÃO)



João Cândido de Carvalho nasceu em Castelo de Vide em 1803 e faleceu em Vila Franca de Xira em 14 de Novembro de 1857.

Frade franciscano, adoptou as ideias liberais que o conduziram ao longo de três anos às masmorras miguelistas, e assentou praça em 1833. Em 16 de Maio de 1834 fez parte de Infantaria 10 na Batalha de Asseiceira.

Em 1835 acumulou as funções de oficial dos correios, cargo de que foi demitido em 1839 por delitos de opinião na imprensa.

Em 1836-1837 integrou a loja maçónica Beneficência de Lisboa de obediência ao Grande Oriente Lusitano, de onde já constava com a profissão de jornalista.

Seria como jornalista que se

viria a destacar, sendo muito conhecido por Rabecão, na defesa dum republicanismo repassado dum teor socialista afim do franciscanismo em que professara. Ficou célebre o julgamento em 21 de Agosto de 1839 por delito de imprensa originado pela publicação em «O Democrata» de Para onde marcha a Nação?. O Júri acabaria por considerar não haver motivo para a acusação. Curioso também, foi o ter-se identificado profission-

almente, nessa ocorrência, como «escritor público». Todavia, ao longo da carreira a sua intervenção jamais será pacífica. Por exemplo, «O Rabecão» - jornal que o tornaria mais conhecido – segundo José Tengarrinha na sua «História da Imprensa Periódica Portuguesa» escreve na página 136 «... no dia 8 de Setembro de 1848 foi assaltada a tipografia da Rua das Adelas onde se imprimia o jornal extremista «O Rabecão», e os assaltantes «armados de pistolas, punhais e machados deitaram a letra pelas janelas fora».

Dirigiu O Cortador (1837), Azorrague (1838), O Democrata (1839) e O Rabecão (1847-1848). Foi depois redactor de República – jornal do povo (1848) e do jornal republicano e socialista O Regenerador (1848).

Autor do drama em 1 acto O Rebededor estreado a 23 de Julho de 1830 no Teatro do Salitre.

Regressou à vida eclesiástica, em 1851, tendo sido nomeado prior na freguesia de Santo Estevão em Lisboa em 1855. Já dois anos antes produzira oração fúnebre da rainha contra a qual tão mal escrevera na imprensa. Nas muitas contradições da sua carreira, todavia repassada de empenho e virulência, o seu romance Eduardo ou os Mistérios do Limoeiro ficou como um documento insubstituível para o conhecimento das condições degradantes do funcionamento desta famosa prisão.

Em presença dum surto de febre amarela refugiou-se em Vila Franca de Xira; em vão: dessa epidemia aí iria falecer em 1857.

Obra Livros

- Eduardo ou os Mistérios do Limoeiro, romance, 1849
- Memórias de um frade ou os Mistérios do Claustro, romance incompleto, 1850
- Oração fúnebre nas exéquias de D. Maria II, 1853
- Oração fúnebre nas exéquias de Luiz António Esteves Freire, 1853
- Sermão da Imaculada Conceição de Maria Santíssima, Imprensa Nacional, 1855



ARRAIOLOS, TERRA DE JUDEUS

A Inquisição foi um tribunal religioso, que existiu em Portugal, entre 1536 e 1821. D. João III foi o monarca responsável pela sua instauração, e, ao fazê-lo, teve como intuito a uniformidade religiosa do Reino e o controlo das práticas comportamentais. No topo da hierarquia inquisitorial estava o Conselho Geral do Santo Ofício, sediado em Lisboa, que tinha sob a sua alçada quatro tribunais distritais (Coimbra, Évora, Goa e Lisboa).



Na década de 80 do século XX, António Borges Coelho apontava Arraiolos como uma das localidades onde o tribunal de Évora prendeu mais cristãos-novos (os judeus que se converteram ao catolicismo), daquelas onde o tribunal tinha jurisdição, a par de Vila Viçosa e Beja, por exemplo. Os cristãos-novos foram o principal enfoque da actividade inquisitorial. A nossa investigação veio corroborar os dados globais, apontados por Borges Coelho, permitindo um maior conhecimento do assunto.

Os grandes momentos de punição religiosa, incidida pela Inquisição em Arraiolos, ocorreram no século XVII, mais precisamente nas décadas de 30 e 70. Em ambos, a repressão recaiu sobre os cristãos-novos, acusados de práticas desviantes das católicas. O número de crimes de outra natureza foi bastante inferior.

No primeiro momento, em que se efectuou um número considerável de prisões, a Inquisição contava com o apoio do reitor da Matriz, o padre Gil Ribeiro Coelho. Era a ele que o tribunal remetia os mandados de prisão, com sequestro dos bens dos sentenciados. Após a prisão, os réus eram encaminhados

para o tribunal de Évora, por familiares do Santo Ofício. Estes agentes, que não eram eclesiásticos, como acontecia com a maior parte dos cargos da hierarquia inquisitorial, e tinham como principal função a prisão dos indivíduos. Na maioria dos casos, os réus abjuravam publicamente os seus crimes, prometendo não voltar a incorrer em práticas judaizantes.

Em Março de 1672, vários indivíduos se apresentaram no tribunal alentejano alegando as suas culpas de judaísmo. Tendo declarado voluntariamente as suas culpas, a Inquisição era mais condescendente, pelo que as penas dos réus foram, sobretudo, espirituais. Em 1678, o tribunal eborense prevenia que Arraiolos “he terra onde os mais dos moradores são cristãos novos, e assim será conveniente ter mais familiares”; alerta este reforçando cinco anos depois, ao referir ser “terra de muitos cristãos novos, e estarem muitos presos, e apresentados”.

A repressão incidiu mais sobre as mulheres do que sobre os homens. Nestes últimos, ao nível das ocupações, encontramos, com maior destaque, sapateiros, ferreiros e almocreves.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO DA FÁBRICA DOS LEÕES, EM ÉVORA

A criação da Fábrica dos Leões, ocorreu em 1916, promovida pela Sociedade Alentejana de Moagem Limitada e, segundo os seus promotores, deveria trazer o progresso e desenvolvimento para a cidade de Évora.

O edifício onde foi instalada a fábrica de moagem foi construído de raiz, constituindo, por este facto e também pela sua enorme dimensão, um elemento marcante do perfil industrial da cidade de então.

Como principais promotores desta empresa surgiram três nomes importantes do panorama económico alentejano, que muito fizeram para que a cidade e o Alentejo se desenvolvessem. Os promotores foram José Miguel d'Almeida, António Joaquim Caeiro e Manuel Dias Rodrigues Descalço.

Esta sociedade preconizou desde o início instalar na fábrica maquinismos modernos, que tivessem a capacidade de produzir bastante para satisfazer as necessidades da região, tais como a produção de farinha, massas e bolachas.

A fábrica de moagem ficou localizada próxima da estação ferroviária dos Leões. Segundo fontes consultadas, a estação dos Leões viria a ser construída posteriormente à fábrica de moagem, facilitando assim o transporte das matérias-primas

A partir da escritura, os eborenses tomaram conhecimento de que o principal objectivo dos promotores seria o exercício da indústria de moagem e a exploração de todos os negócios que lhe fossem correlativos.

A gerência da Sociedade ficaria a cargo de José Miguel d'Almeida e de António Joaquim Caeiro, os quais teriam também o poder de adquirir ou comprar através do nome da Sociedade, tal como o de dirigir



as várias explorações e o de nomear ou de demitir trabalhadores.

No entanto, caso a Sociedade passasse por problemas difíceis de resolver, os gerentes deviam ouvir os conselhos do sócio Manuel Dias Rodrigues Descalço, que tinha o direito total de fiscalização quer da fábrica, quer dos negócios sociais.

Criada por iniciativa de grandes proprietários e lavradores da região de Évora, em Agosto de 1920, esta sociedade passou para as mãos dos industriais moageiros Eugénio Alvarez e de Manuel Rivera Alvarez, elevando o capital social para 800 contos.

O industrial Vítor Júlio Caeiro e o comerciante Carlos Costa e Silva, que, entretanto, entraram para a Sociedade, foram nomeados seus procuradores em Évora. Até à década de 50 do século XX, esta fábrica sofreu várias alterações de capital social e, nos anos 80, acabou por desaparecer.

A IMPORTÂNCIA DO LIVRO

O DESTINO DOS LIVROS



Há um provérbio latino que diz: até os livros têm destino. O destino de um livro é por vezes mais estranho do que o de um ser humano!

Vejam, por exemplo, a obra do poeta grego Alkman. O rolo de papiro com os seus poemas chegou até nós da maneira mais curiosa. Teria desaparecido há muito se não tivesse sido enterrado. Mas foi sepultado exactamente como uma pessoa.

Os antigos Egípcios tinham por hábito pôr, no túmulo, com a múmia (corpo de um homem embalsamado), todos os seus papéis e livros. Cartas, livros de ciência, poemas de pessoas que viveram há milhares de anos, descansaram, assim, no seio das múmias até aos nossos dias.

Os túmulos Egípcios conservaram muitos livros que as bibliotecas não teriam podido conservar!

A maior biblioteca Egípcia, a de Alexandria, foi incendiada quando da conquista pelas legiões de Júlio César.

Quantos maravilhosos manuscritos desapareceram quando esses milhões de rolos que lá estavam foram queimados! Aquilo que conservamos dela, são apenas alguns fragmentos de catálogo.

Destes livros que fizeram rir e chorar os seus leitores, apenas possuímos os títulos, como se fossem nomes escritos em campas de pessoas mortas e esquecidas.

Ainda mais espantoso é o destino dos livros que se salvaram porque tentaram destruí-los! Na verdade, não era o livro propriamente que se queria destruir, mas o texto.

Na Idade Média, quando o pergaminho custava caro, raspava-se o texto original com uma faca e escreviam-se as vidas dos santos no sítio onde estavam escritos poemas gregos ímpios ou obras da história romana. Existiam especialistas de raspagem e destruição de livros.

A maioria dos livros teriam perecido às mãos destes carrascos se não se tivesse encontrado maneira de restaurar os livros destruídos ou palimpsestos, como se chamam.

A tinta tinha penetrado tão profundamente no pergaminho que mesmo a mais rigorosa raspagem não podia fazer desaparecer todo o vestígio do texto.

Mergulhando o manuscrito em certas matérias químicas, a sombra azul ou vermelha da antiga escrita torna a aparecer à superfície.

Mas não nos alegremos antes de tempo! Porque muitas vezes, depois deste tratamento, o manuscrito começa a enegrecer e, por fim, o texto torna-se tão impreciso que é impossível lê-lo.

Era o que acontecia quando se empregava o ácido tirado da noz de galha para restaurar os palimpsestos. Em todas as bibliotecas há vários manuscritos que sofreram uma dupla morte!

Conta-se a história de um sábio que, restaurando um determinado palimpsesto, destruiu de propósito manuscritos para ocultar os erros que tinha feito na tradução.

De há tempos para cá, em vez do ácido tânico, utilizam-se outras substâncias que fazem sobressair a antiga escrita durante um período de tempo muito curto. Enquanto o texto está visível, fotografa-se e, depois, lavam-se os ácidos.

E até, graças a descobertas mais recentes, consegue-se tirar fotografias

aos palimpsestos sem qualquer preocupação química.

Mas se os livros têm os seus inimigos, também têm amigos, que os procuram nos túmulos egípcios, debaixo das cinzas de Herculano e de Pompeios, e nos arquivos dos mosteiros.

Conhece-se uma história interessante de um destes bibliófilos, Capitão Maffei, e das circunstâncias em que descobriu a biblioteca de Verona.

Tudo quanto se sabia acerca desta biblioteca que tinha tido manuscritos latinos muito preciosos, havia sido descoberto nos apontamentos deixados por viajantes que tinham passado por Verona muito tempo antes de Maffei. Dois sábios célebres, Mabillon e Monte-faucon, tinham andado à procura dela, mas não a haviam encontrado.

O seu insucesso não fez desanimar Maffei. Embora não fosse paleógrafo, mas apenas apreciador de livros, pôs-se à procura com afinco.

Encontrou, finalmente, a biblioteca no próprio sítio onde os predecessores a tinham procurado em vão, isto é, na própria biblioteca de Verona!

Os livros não estavam dentro dos armários desta biblioteca, e ninguém antes de Maffei se tinha lembrado de trepar a uma escada e de procurá-los em cima dos armários, onde os preciosos manuscritos repousavam, havia muitos anos, na poeira e na desordem!

Maffei ia desmaiando de alegria!

Diante dele estavam os mais antigos manuscritos latinos do mundo!

Poder-se-iam escrever ainda muitas coisas sobre o destino dos livros: dos que desapareceram na biblioteca de Alexandria, dos que se perderam nas bibliotecas dos Mosteiros, dos que foram queimados nas fogueiras da Inquisição, dos que se perderam durante as guerras.

Do destino dos livros dependia muitas vezes o destino das pessoas, dos povos e mesmo dos países. Os livros não serviam só para contar histórias e para

ensinar. Participaram nas guerras e nas revoluções, ajudaram a destronar os reis; os livros combateram tanto no campo dos vencedores como no campo dos vencidos. E, às vezes, à primeira vista se vê a que partido pertencia o livro.

Vi, numa biblioteca académica, livros franceses publicados antes da revolução de 1789. Um deles é um grande volume orgulhoso, com fechaduras de luxo e lindas gravuras. Era um livro de monárquicos, um livro do tempo dos reis soberbos.

Outros livros eram tão pequenos que se podiam meter facilmente na algibeira, escondê-los na mão.

Eram os livros dos revolucionários. Faziam-nos pequenos para poderem atravessar com eles as fronteiras e propagá-los em tempos de revolta.

Assim, o formato de um livro não é devido ao puro acaso! E porque a vida dos livros foi sempre inseparável da dos homens, os livros tomam a medida que convem a estes.

Faz-me lembrar a história de um homem e dos seus livros que morreram juntos na mesma fogueira!

Isto passou-se em França, no século XVI. em 1546, os operários tipógrafos da cidade de Lião entraram em greve. era a primeira greve dos operários tipógrafos! E uma greve que devia durar dois anos. Ora, um dos patrões, Estêvão Dolet, tomou o partido dos operários contra os seus patrões.

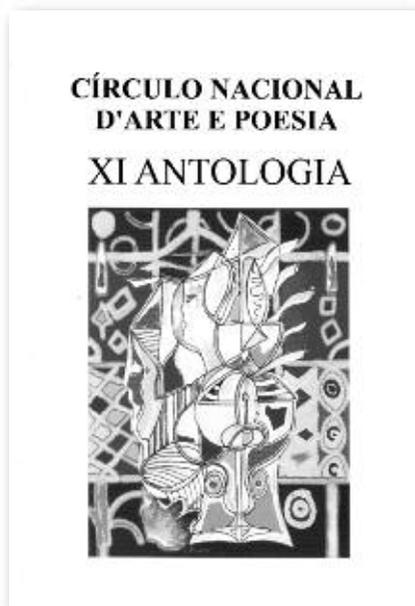
A greve terminou, mas os patrões tipógrafos não esqueceram a afronta.

Cinco anos mais tarde foi apresentada uma queixa na faculdade de tecnologia na Universidade de Paris. Os mestres tipógrafos da cidade de Lião acusaram Estêvão Dulet de imprimir livros anti-religiosos. O julgamento foi rápido. Condenaram-no ao suplicio e queimaram-no, na praça Maubert, com todos os seus livros.

Acabo este último capítulo com pena de ter dito tão pouco sobre esta tão grande maravilha que é um livro.

Sintetizando a história do

CIRCULO NACIONAL D'ARTE E POESIA



No dia 7 de Julho de 1989 fundou-se o “Círculo Nacional D’Arte e Poesia”, no 13º Cartório Notarial de Lisboa, sendo seus fundadores: Maria Olívia Diniz Sampaio (fundadora nº 1), António Inverno, Vitor Castelinho, António José Diniz Sampaio, Ermelinda Naia, Paulo Armindo e Maria de Lourdes Agapito.

A finalidade deste grupo é a divulgação das Artes (Poesia, Música, Pintura, Cerâmica, Artesanato, Escultura...) dos sócios, através de Exposições, Espectáculos, Con-

vívios Poéticos, Boletim Cultural, Antologias, etc.

Muitos sócios vivem na província, especialmente no Alentejo, destacando-se entre outros, Joaquina Semedo (Caia, Portalegre), Isabel Corte Real (Portalegre), Emílio Moitas (Arronches), Tina (Arronches), Clara Pacheco (Arronches), Dora Morgado (Assumar), Bernardo António de Sousa (Santo Aleixo, Monforte), além de muitos outros.

Através dos anos o CNAP tem feito inúmeros Espectáculos, tais como: “Teatro Nino dos Olivais”; “Academia de Santo Amaro”; “Chinquilho Cruzeirense”; “Academia Recreativa da Ajuda”; “Clube Armadorense”; “Associação Recreativa do Bairro 2 de Maio”; “Ajuda Clube”; “Sociedade Musical Ordem Progresso”; “Padrão dos Descobrimentos”; “Tuna Recreativa de Chelas”; “Elo Social”; “Centro de Infância de Marvila”; “Santo André (Barreiro)”; “Grupo Desportivo e Recreativo de Palhais”; “Sociedade Filarmónica União Agrícola 1º de Dezembro – Santo António da Charneca”; “Caneças”, etc.

E inúmeras Exposições Colectivas, especialmente na “Junta de Freguesia da Ajuda”. Igualmente fizemos em Coina, na “Junta de Freguesia de Alcântara”; “Junta de

Freguesia dos Prazeres”; “Voz do Operário”; “Junta de Freguesia de Benfica”; “Espaço GAN”; “Biblioteca de São Lázaro”; “Biblioteca Camões”; “Biblioteca Municipal de Belém”; “Restaurante Pina Manique”; “Junta de Freguesia de S. Sebastião da Pedreira”; Espaço Multiusos da Penha de França”; “Espaço Grandela” e em muitas outras Juntas de Freguesia (Santos-o-Velho, S. Vicente, Santo Estêvão, Santa Isabel, Santo Condestável, Ameixoeira, Lumiar, etc.).

De 2 em 2 meses publicamos um Boletim Cultural com Poemas, Contos, Textos dos sócios. E de 2 em 2 anos uma Antologia Poética, na qual já publicámos onze Antologias. E agora a partir de Outubro começarei a escrever para os jornais regionalistas a falar da XII Antologia, que passado um ano sairá. Convido todos os participantes das outras Antologias. De anotar que no dia 16 de Julho será lançada em ARRONCHES a XI Antologia, no Auditório do Centro Ambiental de Arronches, cujo apresentador será José Branquinho, autor do Prefácio.

Todas as quintas-feiras há um Convívio Poético do CNAP no Café Martinho da Arcada, das 16 às 18 horas, onde os poetas podem declamar Poesia.

Resumo: nós queremos divulgar o melhor que pudermos as Artes dos nossos sócios. “Arte por Arte”.

Quanto a “Encontros Poéticos” estivemos presentes no “1º Encontro Poético de Poetas em Santo André (Barreiro); “Encontro de Poetas Populares em Aviz” e vários Encontros Poéticos no Lavradio.

Em 1993 realizámos visitas guiadas, respectivamente: “Museu do Azulejo”, “Museu da Cidade” e “Igreja / Museu de S. Roque”. E no ano de 2009 organizámos uma Excursão à Casa Museu José Régio, almoçámos em Santo Aleixo (Monforte), terra dos nossos poetas Aires Plácido e Bernardo António de Sousa. Também passámos por Monforte, terra do poeta António Sardinha.



CANTAR ALENTEJANO

O dia esfrega os olhos sonolentos
nos pulsos amarelos das searas.
P'los caminhos vestidos de cinzento
cantam ceifeiras. Caem horas claras...

Nas casas muito brancas fumos lentos
são caules breves em perpetuas jarras
e enquanto um sino fala com o vento
O Sol dá lustro às asas das cigarras.

Há-de o luar ainda achar calor
nos olivais curvados de suor
pelo dorso dos montes fumegantes,

porque a terra é humana e são seus filhos
não só os corpos verdes dos junquinhos
nas a bruma dos astros mais distantes.

GUITARRA CAMPANIÇA

Nesta tarde de nevoeiro
Onde o olhar se espreguiça
Vem do lado do Barreiro
O som de uma campaniça

Vem do lado do Barreiro
Passa por cima do Tejo
Mas o som chega inteiro
Como no Baixo Alentejo

Oiço o coro já se arrasta
No fundo da minha rua
Mas o coro não me basta
Quero ouvir a voz que é tua

Eu faço de cada poema
As cordas de uma viola
E escondo-me no cinema
Sempre que falto à escola

Julgo ver o teu olhar
Na linha do horizonte
Silhueta a atravessar
A estrada para o monte

São casa, são corações
Onde quero ser habitante
Procuo nestas canções
Chegar ainda mais adiante

Quero ouvir-te em directo
Sem recurso ao diferido
Quero um poema concreto
O título está estabelecido

O título está no teu nome
Os versos são os teus dedos
Os meus olhos têm fome
Do doce dos teus segredos

AQUELLOS CARNAVALES (AÑORANZA DE UN TIEMPO QUE SE VA)

¿En dónde habría dejado
aquel disfraz terrible
que sólo daba miedo
a los guardias de enormes correajes,
fusilones al hombro
y negras cartucheras?

¿En dónde el inocente
vestido de viejita
con el que las muchachas se reían
porque sabían del engaño y la intención?

¿En dónde aquel correr
porque nos perseguía por la calle
el guardia local que mandaba el alcalde
con su temor a ser él mismo
objeto del escarnio,
de la atrevida burla?

¡Chanzas tan inocentes como nosotros mismos,
jóvenes asustados
porque en aquellos años
no había manera de que encontráramos
la espita de salida,
el hueco
por donde respirar!

¿En dónde la francachela organizada,
con premios y ordenados
desfiles variopintos
que nos fueron cansando
a base de brillante y académica,
multitudinaria y controlada orquestación después?

Aquí, cenizas y recuerdos.
¡Y nueva gente
capaz de confiar
en la retoma de proyectos,
pues también tienen sueños
y su pedazo de buena voluntad!

à margem

no lado onde nasce o sol
à esquerda do meu país
na dura face da vida
planície ensolarada ressonante de dor
à margem

foi lá que eu nasci

meu alentejo

onde hoje os emergentes
deslumbrados
da minha geração ou filhos dela
estranhamente
perderam a memória



Luís Jordão

QUANTAS ESTRELAS

.....

Quantas estrelas
Há nesta noite
De Estremoz?

Para lá das nuvens,
Alguns vultos e o lago
Onde o Gadanha conta cabeças,
Marcam o compasso
Que o silêncio escreve...

Quantas estrelas
Há no poema?
Quantas estrelas
Luzem sobre o mármore?
Quantas estrelas
Respiram nos lábios
Da cidade?

29-9-2001

**PRIMEIRAS CHUVAS EM
MONFORTE**

.....

Depois das primeiras
Chuvas de Outono
A terra vai vestir-se
De verde para atijar
O vento.

Depois das primeiras
Chuvas as palavras
Vão dançar à volta da terra
Com o silêncio.

29-9-2001

**MONFORTE-PENÚLTIMA
MANHÃ DE SETEMBRO**

.....

O vento apalpou a terra
A chuva aveludou o verbo
A palavra incendiou a manhã.

29-9-2001

POR ONDE PASSO...

Vou deixando os meus
escritos,
As minhas pausas...
Restos do passado
Ainda vivos,
Ainda presentes.
Os mesmos gostos,
Os mesmos sabores,
Os mesmos desejos.
Só os sonhos
São outros...
Que acompanham
O meu presente.
Por onde passo
Deixo rastos
Do que eu era
E já não sou...

*Costa da Caparica,
24 de Maio de 2011*

ALENTEJANA

Cabelos de seara dourada
Ao vento em desalinho
Na planície apaixonada
Mulher sofrida baixinho

Loira ruiva ou raiz trigueira
Mulher de celeiro e chão
Olhar de infinita canseira
De dorida geração

Pensares novos computadores
Horizonte de suores rasgados
Sei-te apegada a amores
Fogosos e constância de soldados

fogo

em conjunto atravessamos o chão da fronteira
as árvores expostas pelo calor do silêncio
deixam que todos os viajantes
apanhem laranjas, poejo
as ervas soltas que alimentam mendigos

pelos montes fora
os cães seguem o sol
são os habitantes que precipitam na penumbra
e nesta caravana
por entre as cavidades
de um chão emboscado

cães e homens são como cardume
numa noite cálida
subimos os montes
atiçamos o fogo
e perdemo-nos
temos as mesmas ilusões
e no mesmo anfiteatro representamos
as dores das mãos

são flores que se abrem em pleno abismo
são fronteiras guardadas por moleiros
onde não há estacas nem redes
e o caminho tem hélices douradas

RECADOS MANDADOS DA ILHA

não direis aos homens
que se arrependam que não lhes cabe
a renúncia ao seu aroma e que o nunca
e o sempre neles se confundem.
só as palavras justas são sábias
e disso sabereis quando a bússola
dos segredos vos ilustrar a coragem.
nunca rogareis à chuva que as nuvens se
arrependam porque a sua medida
é a sua função. direis aos sentidos
que estejam atentos. direis ao sono
que não adormeça
para que a noite seja sóbria
e as palavras sejam justas
como os sentidos são atentos.
direis aos lábios que não ciciem
e às mãos que não esmoreçam
para que a bússola lhes caiba e a chuva soletre.
direis aos olhos que não sucumbam
e aos corpos que não estremeçam
porque os homens se querem
com a sua medida. direis aos braços
que compreendam e não se ofendam.
direis às pernas que se afadiguem
e às línguas que se contactem:
o amor é o contentamento
das sortes quando as vidas
se fecundam
e se libertam das mortes.

AGRADEÇO A TI

Não sei se mereço
Mas agradeço!

Este dom que me abençoa...

Ser feliz assim
Sem nada pedir

Ser feliz assim
em tudo existir

este amor que me preenche
De tão puro e doce ser

Agradeço a Deus, aos deuses,
A quem for
Agradeço a ti, meu amor.

SER ALENTEJANO

Nunca vi um Alentejano

Que não fosse trabalhador

A sua fama é um engano

Na mentira do inventor

Seja ele o agricultor

A trabalhar a sua terra

Ou seja o velho pastor

Com o gado lá na serra

Num Alentejano é normal

Passo certo e seguro

Para ele é o trivial

Não tem pressa no futuro

Gosta do que é justo

Tudo faz por o merecer

O seu trabalho tem um custo

Não trabalha para aquecer

A sua forma de estar

Nem sempre é entendida

Falar e cantar devagar

É saber estar na vida

Mas a nada se vergaram

Na sua vida sempre dura

Alguns pelo caminho ficaram

Na luta contra a ditadura

Luta pelo seu ideal

Para alcançar a sua meta

É homem puro, e é leal

E tem alma de poeta

QUANDO EU VOLTAR A SERPA

Quando eu um dia voltar
P'ra ti, minha terra amada,
Vou pelas ruas cantar
Às quatro da madrugada.

Vou percorrer cada rua,
Vou parar em cada esquina,
Vou cantar-te à luz da Lua,
Ô menina florentina!

Se acaso me vires chorar
Podes crer, não é de mágoa
Se me quiseres consolar,
Dá-me uma gotinha de água.

E tu que sabes cantar,
Se te agradar o meu cante,
Vem à janela espreitar
E chama-me extravagante...

Eu e outros extravagantes
Iremos por aí fora
E não recolhemos antes
Do romper da bela aurora...

Quando o Sol se levantar,
As tuas casas caiadas
Por certo me vão lembrar
Rosas brancas desmaiadas

E para teres a certeza
Do amor que o meu peito encerra
Canto-te, como quem reza,
Serpa, que és minha terra!

POETA LIVRE

Não se aprisiona
um poeta livre e consciente
como não se aprisiona
o ar, o fogo, a luz
ou as forças violentas
da natureza!

O poeta livre e consciente
por vezes é como um vulcão
fica em letargo
durante uma vida,
e num momento inesperado
explode, lança fora o
que foi acumulando
ao longo dos anos
na luta que travou
na sociedade de classes
onde vive!

UM ALENTEJANO EM LISBOA

no monte da planície nasci
fui pastor e guardei gado

todos os trabalhos do campo fiz

estradas velhas e caminhos tortuosos fiz
todas as veredas do alentejo percorri

de monte em monte vi mulheres de luto vestidas
pedindo trabalho e pão
de longe
de muito longe
ouvi cantar oh baleizão baleizão

um dia sonhei
sonhei e vi campos verdejando
regados com águas do guadiana
na minha aldeia
em cada janela havia um cravo e um poejo

em mim renasce a esperança
a esperança de voltar para sempre ao alentejo

MARVÃO, MARVÃO

MARVÃO, MARVÃO
vou falar de ti
somente no Verão,
pois tens um ar ameno,
bom para refrescar
e respirar teu puro ar!...

Nesses dias com o sol
a bater no Castelo
e nas casinhas branquinhas,
és tão luzidio
e brilhante,
como um fio d'ouro.

MARVÃO tu tens um
dom altaneiro paisagístico
arquitectónico
e natural!...



O FENECER DAS CASAS DE REGIÃO, EM LISBOA



Os Presidentes das várias regiões em sessão solene de apresentação do Conselho Nacional

Com a Liberdade de Associativismo Político, o Associativismo Regionalista vivido e praticado nas Casas Regionais viu-se privado de muitos dos seus maiores defensores e entusiastas, porque muitos deles passaram a abraçar exclusivamente a prática partidária.

O desenvolvimento regional, o incremento, evolução e transformação das manifestações colectivas ao nível concelhio, retiraram a necessidade dos naturais das Regiões participarem em manifestações e actividades mais alargadas referentes à sua Região.

Esta nova dinâmica de fragmentação fez surgir nalguns casos, o surgimento dum Associativismo Concelhio, motivado e incentivado pelos novos poderes autónomos autárquicos.

Assim as Casas de Região em Lisboa, divulgadoras e defensoras das raízes histórico-culturais, das tradições, do modo de vida, dos usos, dos costumes, do vestuário e dos trajes regionais, da gastronomia, da literatura, do artesanato, da musica e dos cantares, e também da organização social e do património arquitectónico de cada Região começaram a perder o protagonismo porque a nova dinâmica e interesses locais prescindiram de recorrerem à Sua Casa Regional que junto dos meios de comunicação social apresentavam as grandes realizações regionais(feiras agrícolas, festivais

nacionais de folclore, de gastronomia, culturais, etc.).

O aparecimento das Rádios e Jornais locais tirou alguma importância aos tradicionais agentes divulgadores até então frequentadores das Casas Regionais.

A diminuição de Associados e consequente falta de frequência das Sedes (excepções : Casa do Alentejo e Casa dos Açores) obrigaram as Casas de Região à necessidade de reformulação das suas iniciativas e actividades e à criação do CNCR (Conselho Nacional das Casas Regionais) em 14/11/2000 como lema : Temos de defender e preservar a identidade cultural das Regiões

1. Promover a defesa dos valores, da cultura e da diferenciação que identificam cada uma das regiões do país, como forma de afirmação da identidade nacional.
2. Proporcionar um espaço de reflexão e debate sobre temas de interesse comum que suscitem o desenvolvimento e o crescimento equilibrado das Regiões.
3. Incentivar as relações de intercâmbio e troca de experiências entre as Casas Regionais
4. Promover e dinamizar iniciativas conjuntas em ordem à preservação e valorização de bens e valores culturais com o reforço da identidade própria de cada Região dentro do todo nacional .
5. Suscitar junto de entidades públicas, estatais e autárquicas, questões de carácter abrangente direccionadas para a resolução de problemas regionais.

Projecto ambicioso que durante estes anos não passou de algumas realizações conjuntas (Festas da Cidade de Lisboa) e no intercâmbio e troca de experiências. A defesa e continuação dos objectivos então subscritos é um desafio para os novos Dirigentes Associativos.

ACÇÃO SOCIAL NO ALENTEJO



H. Mourato

Para falar com maior profundidade sobre a Acção Social no Alentejo, teria que fazer um retorno até 25 de Abril de 74, ou até antes, porém isso ocuparia folhas e mais num tema importante, mas não é isso o que se pede para este artigo.

Para indivíduos mais independentes, fazer acção social no Alentejo ou no País, nos dias de hoje, é uma verdadeira aventura, pois estamos perante um poder que, embora se afirme laico (mesmo existindo alguns ministros maçons), corta as pernas a todos os que ousam desafiar o marasmo e se entregam à nobre tarefa de construir equipamentos sociais para as suas gentes.

Se se tratar de gente ligada à Igreja Católica, a conversa já é outra, pois esta detém um poder com o qual o poder político não se quer meter, não vá sumirem-se os votos dos beatos e beatas...

Acresce também que o trabalho social deriva, e muito, dos eleitos do Poder Local - Presidentes de Câmara e de Juntas de Freguesia – e, naturalmente, dos activistas sociais.

Não é difícil constatar que nos concelhos com eleitos que denotam pendor para a área social, os equipamentos sociais estão à vista. Mas onde essa sensibilidade não exis-

te, é o deserto. Lamentavelmente, este facto é transversal a pessoas de todos os partidos.

O que temos hoje? No distrito de Beja temos uma Rede Social que coordena (ou asfixia) tudo o que se pretende fazer em termos sociais. Essas redes distritais e concelhias são compostas por todas as instituições e presididas pelos presidentes das câmaras. Aí se discute e aprova, ou não, tudo o que, do ponto de vista social, diz respeito aos concelhos. Depois há a questão dos financiamentos. A Segurança Social tem, em grande medida, um papel de entrave (a asfixia) e o resto é luta das instituições para conseguirem construir o que faz falta.

Nós, por cá - e refiro-me aos concelhos cuja intervenção melhor conheço, como Mértola, Serpa, Castro Verde, Barrancos e Beja - conseguimos dar respostas sociais melhores que noutros lugares, talvez porque temos menor densidade populacional e existe uma grande vontade da sociedade civil. Serviços como o apoio domiciliário, centro de convívio e de dia ou lar de terceira idade, são melhores, mais baratos e há respostas. Igualmente no que respeita ao apoio às crianças e estruturas para adolescentes, desempregados de longa duração. Todas estas matérias são objecto de grande atenção pelos membros da Rede Social cujas parcerias são fundamentais para o sucesso das políticas sociais. Penso que genericamente as câmaras do Baixo Alentejo, em conjunto com as instituições, esforçam-se para resolver os problemas sociais que ao governo deviam dizer respeito.

O futuro é cinzento e as pessoas estão cansadas de remar contra a maré. O poder combate quem queira desenvolver projectos sociais, a privatização tornou-se uma obsessão da direita partidária, e quanto aos socialistas, é muita conversa e pouca obra, só apoiam os projectos dos seus amigos de partido.

E assim vai o Alentejo... e o mundo.

O DÉFICE 2012



O ano de 2012 será o mais negro das últimas décadas em Portugal, reflexo das medidas de austeridade levadas à prática pelo Governo em funções, como reflexo dos défices anuais e sistemáticos das Finanças Públicas desde há praticamente 36 anos, refletindo a grande insustentabilidade das políticas económicas desde que entramos na união europeia, e dos erros grosseiros do modelo de desenvolvimento económico levados à prática nos últimos 15 anos, e que contribuíram para o endividamento extremo em que Portugal se encontra.

Défice ou deficit é um termo da contabilidade de origem latina, que se caracteriza por um saldo negativo. Num orçamento, o saldo negativo ocorre quando os gastos ou as despesas superam os ganhos ou as receitas.

Se o saldo é negativo, o orçamento é chamado deficitário.

Na balança de pagamentos (transações com o resto do mundo) o défice da balança comercial ocorre quando o valor total das importações supera o das exportações.

A subida dos impostos, a redução do rendimento, as medidas que tributam o consumo, o corte dos subsídios de férias e Natal dos funcionários públicos, e o aumento de meia hora de trabalho diário no sector privado, foram as medidas escolhidas para este acerto de contas, do descalabro das contas públicas e da falta de controlo desde há praticamente 36 anos quase sem excepção, tendo a classe política dos

diversos governos, mas também grande parte da oposição, incluindo as centrais sindicais - por incapacidade, ignorância e por alinhamento com interesses de classes corporativas, e de países terceiros, descuidando os interesses das PME's portuguesas, dos contribuintes portugueses, dos jovens á procura de emprego - tendo ajudado a liquidar uma parte da agricultura, das pescas e indústrias portuguesas, parecendo mais que estavam a actuar num mundo virtual. Triste sina esta, que envergonharia muitos dos nossos portugueses e heróis antepassados, se cá voltassem e vissem o que está a acontecer.

Portugal está há anos a esta parte a afundar-se, são feitas frequentemente considerações e comentários mais ou menos jocosos vindos de várias paragens, mas em particular dos países mais ricos, que praticamente deixaram de nos respeitar, e quase que confundem o povo português com uma parte da classe política incompetente, e em muitos casos até corrupta, que nos tem dirigido nos últimos anos e se tem governado a si própria e aos seus amigos “compagnons de route”, além de chorudas e alguns com duplas reformas em acumulação com outras remunerações, enquanto estas e outras situações não forem corrigidas, com uma reforma única por pessoa, com um mínimo e um máximo sustentável, os políticos não vão ter o respeito e a consideração da maioria dos portugueses.

Veêm-nos como um fardo pesado incapaz de recuperar e de traçar um rumo com futuro, assente na sustentabilidade, no trabalho e no desenvolvimento do país.

Agora, mais do que lamentar a situação de quase falência a que Portugal chegou, e mais do que procurarmos os responsáveis e são muitos, cabe-nos dar a resposta ao mundo mostrando de que fibra somos feitos para podermos recuperar a nossa autoestima e o nosso orgulho.

Nós seremos capazes de ultrapassar esta situação difícil. Vamos certamente dar a nossa melhor contribuição para dar a volta por cima, mas há atitudes simples que podem fazer a diferença, e diga-se também em abono da verdade, que uma grande parte do povo português no passado sempre descurou o que é português, por falta de informação, e por factores culturais diversos.

O desafio é preferir e comprar sempre que possível os produtos fabricados em Portugal. Fazer o esforço, em cada acto de compra, de comprar os produtos e serviços que tenham sido produzidos em Portugal, ou que de alguma forma tenham uma parte de incorporação portuguesa, quer através de matérias primas e /ou de mão de obra portuguesa.

Assim, estaremos a substituir muitas das importações que nos estão a arrastar para um beco sem saída, e poderemos apresentar futuramente resultados surpreendentes a nível de indicadores de crescimento económico e consequentemente de redução de desemprego. Práticas que iriam melhorar substancialmente a nossa agricultura, pecuária, pescas, indústria, comércio em geral – opte sempre que possível pelo comércio local, de bairro da aldeia, da vila – faça mais férias e turismo em Portugal, passe uns dias nos campos do Alentejo, em Trás-os-Montes, no Minho, nas Beiras, para só falar nestas regiões menos conhecidas turisticamente, e contacte com a natureza daqueles lugares, teremos mais qualidade de vida, e desfrutamos mais da natureza..

Este comportamento deve ser assumido como um acto de cidadania, como um acto de mobilização colectiva, por nós, e, como resposta aqueles que nos veem como uns dependentes.

Devemos aprender com os nossos vizinhos Espanhóis, especialistas nestas formas de ser e de estar, há muitos anos que utilizam estas práticas. Quem convive com

alguma frequência com ou quem já contactou ou viajou com pessoas de Espanha, sabe que eles, começam logo por reservar e comprar as passagens, ou o pacote, em agência Espanhola, depois, se viajam de avião, fazem-no na Ibéria, pernoitam em hotéis de cadeias exclusivamente Espanholas (Meliá, Riu, Sana ou outras), desde que uma delas exista, e se encontram uma marca espanhola dum produto que precisem, é essa mesma que compram, sem sequer comparar o preço (por exemplo em Portugal só abastecem combustíveis Repsol, ou Cepsa). Mas, até mesmo as empresas se comportam de forma semelhante! As multinacionais Espanholas a operar em Portugal, com poucas excepções, recomendam aos seus funcionários que se deslocam ao estrangeiro a seguir estas preferências e contratam preferencialmente outras empresas espanholas, quer sejam de segurança, transportes, montagens industriais e numa forma geral de tudo o que precisem, que possam cá chegar com produto, ou serviço, a preço competitivo, vindo do outro lado da fronteira. São super proteccionistas da sua economia, protegendo todo o seu tecido empresarial, e dão sempre preferência aos produtos e serviços espanhóis.

Esta prática não é tudo, mas seguramente é meio caminho andado para combatermos o défice, e os desequilíbrios das nossas contas, e estamos a contribuir para o desenvolvimento e fortalecimento da nossa economia, e a defender o futuro de Portugal com novecentos anos de história. Temos de ter políticos sérios e que saibam gerir o Estado, para salvar o Estado, começando nós por saber escolher os políticos sérios e competentes, desde logo começando por aqueles que têm a coragem de nos falar verdade, mesmo que ela seja dolorosa, só assim podemos preparar o nosso futuro e o dos nossos filhos.

A LIÇÃO DE FUKUSHIMA



O dia 11 de Março de 2011 pode ter ficado na história da humanidade como um momento de viragem na abordagem da questão da energia nuclear para fins pacíficos.

Quinze meses após a catastrófica fuga de petróleo da BP no Golfo do México, que relatámos no número anterior, este caso parece ter caído no esquecimento ou convenientemente abafado. O pouco que nos chega dá conta de uma indústria de pesca na zona quase paralisada e a situação longe de estar controlada.

Ainda os ecos deste acidente não tinham desaparecido e já um outro de iguais ou piores proporções se destacava no início deste ano. Trata-se da tripla catástrofe ocorrida no Japão. Nesse dia 11 de Março, um sismo, seguido de um tsunami, provocaram, no conjunto, um acidente na central nuclear de Fukushima.

Este encadeado de acontecimentos naturais e artificiais provocou milhares de mortes directas e indirectas causadas pelos acidentes naturais e pelas fugas de material radioactivo. “20% do território nacional sofreu com o impacto da catás-

trofe. Perto de 520 000 pessoas foram evacuadas. O número de mortos e feridos é avaliado em 11 500”, afirmou um deputado japonês⁽¹⁾.

O complexo nuclear compreendia seis reactores, desenhados e construídos pela empresa norte-americana General Electric e era mantido pela Tokyo Electric Power Company (TEPCO).

Tudo começou quando um desses reactores, o reactor 4, sobre-aqueceu e explodiu, devido a uma avaria mecânica provocada pelo sismo. O sistema de arrefecimento colapsou e os sistemas de emergência também falharam. O projecto de segurança não previra uma catástrofe de tais dimensões.

Os gases tóxicos rapidamente se espalharam pela atmosfera o que obrigou à evacuação de toda a área num raio de 20 Km. Com o abandono da central, o descontrolo aumentou, aumentando desse modo os riscos de explosão nos outros reactores.

A situação parece ter estado fora de controle durante muitos dias. A empresa proprietária, simplesmente, não sabia o

que fazer. Apenas à custa de autênticos kamikase, verdadeiros heróis nacionais, que se ofereceram sabendo os riscos que corriam, foi possível remediá-la, sem contudo a resolver. Antes, não só ocultara falhas de segurança como a ausência de mecanismos de emergência.

A central de Fukushima tinha sido notificada há anos pela Agência Nuclear Mundial para proceder a obras de manutenção, mas nada fez. Pior, veio arrogantemente dizer que tudo estava prevenido em caso de catástrofe natural.

Parece que nem tudo segundo sabemos agora. Um erro de cálculo deitou tudo a perder. A previsão de um sismo de grau 6 (o máximo previsto) não abrangia o que agora se verificou (grau 9), nem o tsunami simultâneo, embora a central esteja junto do mar, numa zona altamente sísmica.

Durante anos fomos acreditando na palavra dos cientistas que asseguravam ser a tecnologia nuclear totalmente segura. A opinião pública dividia-se entre a confiança cega “nos que sabem”, a desconfiança, fruto do medo do desconhecido e uma minoria que ia levantando dúvidas⁽²⁾. Indiferentes a estes últimos, os governos faziam orelhas moucas e plantavam centrais nucleares por tudo o que era sítio, obedecendo tão só a critérios economicistas.

A insistência dos governos ia dando os seus frutos. Cada vez mais vozes garantiam ser essa a forma de energia do futuro. Com a actual tecnologia os perigos iniciais estavam afastados e a segurança era de cem por cento.

Um pormenor escapava no entanto ao debate: o que acontecia com as centenas de centrais ainda existentes que usavam tecnologias antiquadas, já para não falar na questão dos resíduos, também por resolver?

Os desastres de Chernobil na ex-URSS e de Three Miles Island nos E.U.A. foram os primeiros sinais de que qualquer coisa estava mal. Mas apesar deste dois alertas pouco se fez para além de inspecções de rotina internacionais e nacionais.

Com a desregulação da economia mundial e a falta de fiscalização dos estados por força do neoliberalismo, a situação agravou-se ainda mais. As empresas nucleares privadas praticamente tiveram luz verde dos Estados para fazerem o que quisessem sem quaisquer impedimentos.

Aquilo que eram serviços públicos altamente vigiados, ao transformarem-se em oportunidades de negócio, ficaram apenas entregues a si próprios e às leis dos mercados ou seja do máximo lucro⁽³⁾.

Esta mistura explosiva de interesses foi progredindo até à total ausência de controlo pelos estados o que aumentou os riscos de segurança.

A conclusão a tirar deste caso de Fukushima não será certamente a de saber se o nuclear é seguro ou não é seguro. A conclusão é que, por muito que se afirme o contrário, a técnica não se encontra devidamente controlada e muito menos quando os Estados abdicam da sua qualidade de garante da segurança dos seus cidadãos.

A discussão encontra-se de novo na ordem do dia.

Notas

1. Entrevista de Hidekatsu Yoshi deputado do PC do Japão, em oDiário.info.
2. Greenpeace: A história da era nuclear é uma história de acidentes. Muitas pessoas, em muitas partes do mundo sofrem de problemas de saúde provocados por acidentes, que ocorreram anos ou décadas antes.
3. Segundo o Banco Mundial, os custos económicos das catástrofes naturais passaram de 68 mil milhões de dólares em 2009 a 180 mil milhões em 2010. E 2011 promete ser ainda pior. O governo japonês estimou os danos directos do terramoto de magnitude 9.0 e do tsunami de 11 de Março em cerca de 300 mil milhões de dólares. Quase 26 mil pessoas morreram ou desapareceram na catástrofe, sem falar dos danos causados pelo desastre nuclear de Fukushima.
“Custo das catástrofes naturais explode”. Swissinfo.ch.

AVIFAUNA

O CUCO



Neste espaço do Almanaque dedicado à avifauna, falamos desta vez do cuco, ave singular muito comum em Portugal. Dentre as suas diferentes espécies, é o **cuco-canoro** (*cuculus canorus*) o objecto da nossa breve descrição.

Trata-se de uma ave com um comprimento médio um pouco acima dos 30 cm e uma envergadura entre 55 e 60 cm, pesando à volta de 100 gramas. A cauda é comprida, tal como as asas, que são estreitas e pontiagudas. De cabeça pequena e bico curvo, a sua plumagem é cor de cinza, mas a barriga é branca com estrias pretas ou castanhas. A cauda é mais escura, com a extremidade das penas em branco.

Macho e fêmea apresentam geralmente um padrão cromático semelhante, sendo que as fêmeas adultas exibem, por vezes, uma tonalidade arruivada na parte superior. Os juvenis são castanho-escuros com uma mancha branca na nuca.

Os batimentos das asas são rápidos mas fracos, movendo-se as mesmas sem intervalos e abaixo da horizontal, com a cabeça apontando para cima.

O seu nome provém do canto do macho, composto por duas notas que soam como ‘cu-cu’ e que em Portugal, se pode ouvir sobretudo desde os fins do mês de Março até Julho. Isto por se tratar de uma ave migradora, que inverte em África. Durante a migração, mas também antes da partida e logo após a chegada, pode andar em pequenos bandos.

Distribui-se por toda a Europa, Ásia e Norte de África. No nosso País ocorre por todo o território, sendo mais abundante no interior norte e centro. No Alentejo podemos encontrá-lo com facilidade, por exemplo, nas zonas de Alpalhão, Arraiolos, ribeira do Divor, Barrancos.

É comum em todos os tipos de terrenos, preferindo sobretudo as zonas florestadas, imediações de pauis, montados, bosques, mas evitando as zonas de altitude e os matos densos. Por ser muito tímido, a sua presença é rara nas proximidades de áreas muito povoadas.

A sua alimentação é essencialmente constituída por insectos e larvas, em especial lagartas (e aqui dão um importante contributo no controlo de pragas). No entanto, podem ainda ingerir, por vezes, frutos e plantas, sementes, pequenos répteis e anfíbios.

Quanto à reprodução, é de notar que macho e fêmea acasalam com diferentes parceiros e que uma das características peculiares dos cucos é o facto de parasitarem outras aves, que lhes incubam os

ovos e lhes alimentam as crias. Trata-se de um curioso processo, uma vez que parasitam um grande número de outras espécies, ainda que cada fêmea se especialize numa só espécie em particular. Começam por procurar activamente os ninhos para parasitar (vários) e, feita a selecção, aguardam a ausência dos seus ocupantes para neles depositarem os seus ovos, um em cada. Assim, espalhando-os por diversos ninhos, aumentarão as hipóteses de sucesso, pelo menos para alguns deles. Após a postura, retira um dos ovos que já se encontram em cada um dos ninhos e come-os. Um aspecto singular reside no facto de os ovos assim deixados tenderem a assemelhar-se aos dos hospedeiros.

A incubação dura cerca de 12 dias e, pouco tempo após o seu nascimento, os jovens cucos expulsam os verdadeiros filhos da ave que preparou o ninho, ou empurram os seus ovos para fora, caso estes não tenham ainda eclodido. Ficam assim os 'pais adoptivos' a tratar o cuco até este poder voar, o que, em regra, acontece 3 semanas depois.

Esta ave ocorre em elevado número,

estimando-se que, só na Europa, os seus efectivos atinjam um milhão e meio de indivíduos. A sua continuidade não está, pois, em risco, considerando-se o seu estado de conservação como seguro. Tal não obsta a que se encontrem sujeitos a factores de ameaça, que se repercutem na mortalidade da espécie. Dentre eles, sobressai a *perseguição humana* (abate a tiro, pilhagem de ninhos, iscos envenenados), eventualmente potenciada por uma espécie de preconceito associado ao seu comportamento predatório.

Também a *alteração dos seus habitats* pela construção de infra-estruturas (barragens, estradas, parques eólicos), instalação de regadios, etc, bem como a *perturbação das zonas de nidificação* (actividades agrícolas, cinegéticas, turismo, por exemplo) levam a uma quebra na reprodução e mesmo ao seu afastamento dessas zonas.

Todavia, não se encontrando em causa a conservação da espécie, o peculiar canto do cuco continuará a fazer-se ouvir, sendo que a progressiva consciencialização das novas gerações para as questões da sustentabilidade e equilíbrio ambientais serão o seu melhor garante.



Fonte:wikipedia

O SENHOR DA BOA VIAGEM

Levantou-se de manhãzinha ainda o sol era uma criança de berço. Tratou da higiene matinal em quase absoluto silêncio de modo a não despertar a sua Maria Antónia que, como quase todas as mulheres, tinha maus fígados matinais; da parte da tarde era uma joia de pessoa, mas pela manhã não se podia aturar!

Olhou-se ao espelho, passou as mãos pelas rugas que mais pareciam regos e reviu em cada uma delas um episódio marcante da sua vida.

As primeiras, simbolizavam o nascimento dos filhos que lhe tinham calhado na lotaria da vida o que para o caso presente significava prémio dos grandes. Nove foram os filhos que Maria Antónia lhe dera e todos vivos graças a Deus.

Os outros sulcos que lhe marcavam a face representavam outros tantos episódios da sua vida. A ida à guerra logo em sessenta e um quando esta rebentou em Angola; a passagem a salto da fronteira à procura de vida melhor que a miséria por cá vivida; a epopeia dum campaniço por terras francesas, onde tudo era novo e estranho a começar pela língua.

Anos mais tarde nasceram-lhe ao canto de cada olho duas rugas de alegria: a primeira pela notícia do seu país finalmente libertado, a outra, por poder regressar e com as suas mãos contribuir para a construção desse Portugal Novo que acabara de nascer por vontade do povo a que pertence.

De ruga em ruga, de vinco em vinco, de sulco em sulco foi-lhe o tempo esculpindo o rosto. Hoje, Chico da Horta, como sempre foi conhecido, conta setenta e dois anos e outras tantas estórias vividas numa vida cheia de perigos e de aventuras.

Na Rotunda das Ovelhas em Castro Verde onde passa muitas das suas manhãs, já o não chamam assim; apelidaram-no de Primeiro de Abril, por não vislumbrem

muita verosimilhança nos relatos da sua vida. O narrador sabe que são todos verdadeiros, até porque foi ele que os criou, mas como não pode interagir com os companheiros de rotunda sob pena de manipular os personagens, só pode estar solidário com Chico da Horta que ultimamente se ensimesmou desde que desconfiou que os seus correligionários assassinos do tempo, não davam crédito às suas façanhas.

Estamos em Junho, os dias são os maiores do ano, logo, de manhãs claras e entardeceres serôdios, coisa que faz com que Chico da Horta considere ser esta a altura do ano que mais aprecia, daí não querer perder pitada dela, levantando-se logo o astro-rei dê de vaia lá para as bandas do montado.

Já se aperaltou para o passeio matinal. Não dispensa a bota alentejana que de dois em dois anos compra na feira de Castro ao mesmo sapateiro de sempre, um homem de Almodôvar que tem a reputação no nível BBB: Bom, Bonito e Barato!

Dantes não dispensava o colete tradicional que adornava com a corrente e o respectivo relógio de bolso, herança única de seu pai, coisa que o envaidecia de sobremaneira. Mas, desde que um tal Marroquino de seu nome Mohamed passou lá pela rotunda e lhe vendeu um colete de repórter de cor caqui pela módica quantia de seis euros muito regateados, que Chico não quer outra indumentária.

Antes de sair para a rua faz um check list a todos os bolsos verificando se nada lhe falta.

No bolso de cima não podem faltar: um pequeno bloco de notas e três esferográficas bic de cores diferentes: verde, vermelho e preto. No bolso do lado contrário ao coração o inevitável telemóvel, para que Maria Antónia o possa avisar que as sopas estão na mesa para o caso de se atrasar, o que seria coisa rara, já

que pontualidade britânica, não é só uma das suas qualidades, também é um dos seus grandes defeitos.

No pequeno bolso que lhe fica à altura de descansar o dedo polegar, o inevitável relógio de corrente que lhe confere uma espécie de ar aristocrático-popularucho.

Noutro dos múltiplos bolsos do colete multifunções, os inevitáveis sacos plásticos dobrados em trinta voltas que cabem às dezenas no mais ínfimo espaço, não vá o diabo tecê-las e ter de fazer umas mercas e não ter onde transportar os haveres.

Num dos bolsos com fecho de correr é o lugar para o pente e para o espelho, um hábito desde criança enraizado e que Chico da Horta faz questão em cultivar. Se o pente é um banal pente de plástico, já o espelho é uma relíquia que guarda há muitos anos; trata-se de um espelhinho circular que tem na face não espelhada um jogo com duas balizas e uma pequena esfera metálica, jogo esse, com que engana a solidão a que cada vez mais está votado.

Num outro compartimento mesmo por baixo daquele dedicado ao relógio de seu pai, assim numa espécie de vizinhança de longa data, tem lugar assegurado a sua inseparável navalhinha, ferramenta que o tem acompanhado uma vida, tendo ido e vindo a Angola, passado por terras de França e nalguns apertos o ter safado de alguma tuna de porradas. A sua estima por tão apreciado objecto exige que a mesma, também esteja presa por uma corrente que lhe parte do cinto e termina na ditosa amiga de gume gasto pelo passar do esmeril e dos anos.

Para terminar em matéria de correntes só falta referir que também o portachaves é contemplado com uma, e assim, Chico da Horta, jamais sai de casa sem as sua três correias ao tiracolo.

Nos bolsos de dentro, portanto locais para as coisas íntimas, coisas do foro pessoal, é onde guarda duas carteiras. Ao

lado direito a dos documentos e fotos dos que mais quer, mesmo que amarelecidas pelo tempo. Do outro lado, a do dinheiro que, vá-se lá saber porquê gosta de ostentar, daí andar sempre com quantias significativas, mas sempre em notas de vinte, dez e cinco euros para com o seu volume poder impressionar os poucos que com ele privam. Este bolso para além do fecho de correr é ainda reforçado com uma pregadeira não vá o raio do demo estar atrás da porta.

E para poder sair à rua só falta conferir uma coisa! Se no seu porta moedas de cabedal do género gaveta em forma de ferradura existem os trocos suficientes para o seu vício diário: o café e o jornal com as notícias frescas.

De tanto vestir o colete de fotógrafo, começaram a chamar-lhe de: Repórter X, não só pela vestimenta mas também pela gatafunhagem que faz com as diversas canetas no seu pequeno bloco.

Conta-se até, que foi a este antropónimo camaleão que dois cidadãos viajando de automóvel de norte para sul, para passar o tempo vinham-se mutuamente questionando sobre o nome dos naturais das terras que atravessavam. Os de Lisboa era Lisbonenses, os de Setúbal Setubalenses e por aí fora. Quando estavam perto de Castro Verde não atinavam com o nome dos naturais desta vila. Um dizia que eram Campaniços, o outro teimava que eram Castroverdenses, foi já em plena Rotunda das Ovelhas que abeirando-se do permanente grupo de reformados aí presente que escolheram o Reporter X para serem esclarecidos.

Depois dos cumprimentos da praxe um deles disparou – " Amigo do colete com ar de quem sabe estas coisas. Digame lá como se chamam aqui os de Castro?"

Chico da Horta, jogou com dois dedos a boina para trás, revelando a alva tez em comparação com o tom amorenado do

resto da pele visível. Com os restantes dedos da mão coçava a dita testa em busca de resposta para tão invulgar demanda.

Depois de pensar e repensar deu-se por vencido e resolveu finalizar a questão replicando.

- Eu sou conhecido por conhecer muita coisa e mesmo muita gente, MAS TODOS OS DE CASTRO, confesso que não sei!

A gargalhada foi geral. A resposta dada passou então a fazer parte do anedotário alentejano para regalo das hordas de urbanos semianalfabetos que gostam de pavonear a sua ignorância pelos mais inusitados lugares.

Os dias foram passando; as semanas sendo devoradas pelo calendário; os meses sucumbindo ao ciclo das estações e os anos: ainda mal desaparecia o cu dum já aparecia a cabeça do outro, fazendo do tempo um cavalo selvagem de crina ao vento que galopa sem cessar, marcando cada um deles um novo sulco na sua enrugada figura.

Com o tempo foi ficando cada vez mais retraído; mais taciturno; mais ensimesmado; até que, houve um dia em que deixou mesmo de falar tendo decidido passar a viver para dentro, para um mundo unicamente habitado por si e pelos fantasmas dos seus setenta e dois anos de vida.

Certo dia leu no jornal que um tal João Manuel Serra lá da capital, homem das suas idades que saía à noite de casa para com um aceno e um sorriso saudar os automobilistas que passavam, havia morrido subitamente.

Leu a bizarra história de vida deste homem e alguma coisa mexeu com ele. Como se

fosse comandado por essa estranha força chamada destino, sentiu um apelo vindo lá do fundo das entranhas; uma espécie de encarnação; uma metamorfose; um tipo de passagem de testemunho e passou a vestir a pele, a assumir o papel de senhor do adeus.

A partir desse dia abandonou o ar de desiludido da vida e passou a sorrir, a dar de vaia e desejar boa viagem a cada carro que passa na Rotunda das Ovelhas, alegrando assim a praça com o despropósito do seu repetido gesto.

Agora, já não é Chico da Horta; nem Primeiro de Janeiro; nem Repórter X. Hoje em dia, todos os que por ali passam, lhe devolvem o aceno e o sorriso chamando-o carinhosamente de: Senhor da Boa Viagem.



A LUZ NA SOMBRA

Tinha que resolver o mais rápido possível a situação insuportável de dependência filial de um Pai anacrônico, que bate na Esposa, tem amantes em barda e é rico que nem um Rei do Petrôleo.

Acabara recentemente o Sétimo Ano Liceal, mas mesmo que a vocação fosse as Belas Artes, não podia aguentar mais o comportamento familiar do lar e decidiu partir rumo ao Sul.

Levou apenas o essencial de sobrevivência: uma mala de viagem com roupa necessária para o que desse e viesse, o cavalete, mais uma caixa de tintas, e no bolso do casaco a quantia da mesada paternal actualizada.

Era doente, padecia de Epilepsia, com ataques frequentes, mas controlados com os medicamentos regulares que teria de suportar para o resto da vida.

O Comboio iria partir dentro de poucas horas. Era só despedir-se da Mãe, que ficaria a chorar baba e ranho desmedidamente, a sofrer, mas que por outro lado até ficaria aliviada, pois era como que a ausência do filho fosse castigar o marido.

Bilhete comprado, destino Porto-Lisboa e, chegado à Capital, talvez escolhesse outra caminhada, dependendo daquela voz interior que o entusiasmava.

Tinha uma alma de artista: escrevia poemas, normalmente dedicados à Mãe, e sempre julgou que habitava dentro dele o espírito sofredor do célebre pintor Van Gogh, pois os primeiros quadros a óleo que pintou, que, tanto pelos motivos, assim como pela técnica, apresentavam semelhanças impressionantes com a Obra dele, mas faltavam-lhe a luz, os temas figurativos, que nunca encontrou no Norte da sua nasçença.

Lia com frequência os belos sonetos de Florbela Espanca e, sob a influencia desse mundo poético, ficava-lhe cada

vez mais avolumado o apetite de vangabundear pelos espaços "...das horas dos mágicos cansaços..." , como ela tão bem soube retratar.

Assim a estadia por Lisboa foi bem curta e, novamente ansioso, encontrava-se agora metido no Comboio que o levaria do Barreiro para Beja.

Em Beja, já a sentir a beleza de um clima mais de acordo com as suas divagações, acabou optando por outro destino que os sonhos lhe pediam e, como ia partir a Automotora do Ramal de Moura, depressa comprou o bilhete e, ao som do velho motor a Diesel das duas carruagens foi-se embrenhando no coração do Alentejo profundo.

Era Agosto. Ao longe, na imensa paisagem amarelada da Planície, como que estivesse na bigorna do Sol, sentiu-se realizado: Acabava por descobrir o verdadeiro sentido da Pintura que até agora o tinha frustrado: **Ali estava a Luz viajando na Sombra.**



RUFINO E FIRMINO, INIMIGOS?...



Foto de Bahia

Rufino Sequeiro e Firmino Regado eram um prodígio de desentendimento psicológico. Ou seja, odiavam ambos o mesmo, mas sempre do lado contrário do outro! Permitamo-nos criar uma expressão para alcinhar este estranhíssimo defeito: eram inimigos gêmeos!

Esta situação de gêmeos que o não eram, até tinham quinze anos de diferença entre eles, tinha algumas vantagens que o povo tentava deslindar...ou melhor, já nem pensava nisso! O diabo que os levasse!

Inseparáveis eram, e por isso se viam obrigados a discutirem entre eles sem qualquer possibilidade de estranhos meterem o bedelho nas suas contendas! Era o raio se isso acontecia! Adversários há segundos, parceiros ao instante se contra o intruso! Não são assim também os verdadeiros gêmeos? Achamos que sim. Era bem como eles se consideravam durante as horas de vigência comum, ou seja, todas menos as de dormir.

Sabem que esse considerando deles, tinha um efeito muito curioso nas ofensas quotidianamente trocadas! A ver como!

Nunca por nunca se chamavam cabrão ou filho da puta um ao outro. Porquê? Fácil. Porque morando no mesmo país e sendo gêmeos lá no seu entendimento, se usassem esses elegantiíssimos insultos, estavam-se a insultar a eles mesmos! Complicado? Nem por isso... Basta ter fé e acreditar que os pais deles mesmo não sendo, eram uns só e os

mesmos! É necessário é estar atento à psicologia um tanto ambulatória deles ...

Rufino Sequeiro, como mais velho nos seus sessenta e oito anos, arvorava-se em chefe do bando (deixe-se a palavra mesmo para um bando só de dois) e trovejava aos ventos gostar de ser rei e mandão... desde que o Firmino não estivesse por perto.

Novamente a pergunta, porquê? Razão era, que mais novo sim, e rasando ainda os cinquenta e três anos lá para Março, Firmino ameaçava imediatamente tal soberania.

Era sua firme intenção que ficasse claro que a inteligência mandasse mais que o cajado ou a parvoíce burra do “irmão”, o que dava na mesma! E quem era o inteligente? Há outra resposta que não seja Firmino Regado?

Tinham um amor comum, aceite fica essa condição sem bordoadas moral ou de varapau: ambos adoravam a sua terra do Alentejo. E pronto, acabava aqui a concórdia!

Há amores para todos os feitos e feitos para todos os amores. Sabe-se lá se algum filósofo dos livros em grego ou latim, já pasmavam esta verdade sobre os feitos?

Olhe, se já o tinham dito, foi uma grande sorte ou poder de adivinhação, porque só por estes lados é que é possível criar filosofias tão profundas, assistindo ao trovejar dos diálogos Firmino/ Rufino!

Vamos então ver em pelo sem sela nenhuma, como funciona a parelha.

Pela frigideira do ”BORREGO DO LARGO” passavam no momento umas farinheiras com ovos, de cheirante apelo para o Rufino e uma dúzia de compadres. Variante podia ser umas febrinhas do alguidar. Encostado ao mesmo balcão, o “mano” ia pela linguiça assada a ser temperada antes do dente que a comesse, com poejo em quantidade Firmino q.b.. Os adeptos em volta eram quase em igual número por um e outros petiscos.

Não pensem em ansiedade na sala,

pensem sim em quem ia doar e pagar a janta. Os em volta, era mesmo o que tinham na cabeça. Hábitos consabidos já por todos. Mastigavam o seu copo de tinto para fazer boca ao que dali viesse. Se a frigideira é a mesma,...

O boteco com aquele nome comestível, enchia o centro do largo e das vidas de muitos concidadãos. Ali entravam para uns golpes de navalha no pão e no chouriço, deitar por terra o nível das pipas (sim, ainda havia algumas pipas, agora se o vinho delas apenas tinha ali a cama e não o berço, era outro assunto a debater – se alguém se importasse com isso), e depois de aliviar as pipas, passavam normalmente a carregar as conversas.

Encostados àquele balcão de faca e presunto em punho, muito borrego foi vendido, burros e caprinos trocaram de dono e se ajustaram vidas dos outros, dos que não estavam na altura, já se deixa ver.

Caraças, o gerente, tornara-se melgadamente e com todos os vagares, o epicentro de tudo. De tudo!

As notícias embaladas em vinho tinto, podiam aprofundar o estado de ex-vinginda-de de qualquer rapariga (era a desgraça dela!) ou de moço novo (era a glória dele!), as festas nunca incógnitas e as cajadadas sem dó nem piedade asseguradamente públicas! Não raro, o cajador e o cajado, remoíam no "BORREGO DO LARGO" os restos das fúrias e antigas razões da rija bordoadada. Porque aquilo era tudo muito boa gente, a amizade não se destruíra a pau, salvo se havia saíame pelo meio.

Neste ambiente, não há como estranhar o azedo historial dos nossos Rufino e Firmino!

- Atão vocemecê quer plantar uvas? E não me diz aonde?...

- Homem terra farta há em fartura! Temos é que lhe dar água!

- E vem donde essa água que quer dar às plantas? Vocemecê vai andar de regador nas unhas, home?...

Não era resposta que tolhesse a língua do Firmino Regado.

- Do lago de Alqueva, ou não têm lá água?

- Há lá, há, mas está longe!

- E a terra aqui é de seara, o trigo, mê amigo, vem para cá nascer! Disse quem? O Rufino Sequeiro, apontando bem ao furo da deixa.

- Sabes bem que se a água cá chegasse era para deixar aí os campos cheios de sal e químicos lá da merda dos espanhóis.

- Matava-se a terra! Atirou logo um deles que por acaso não conseguimos identificar.

- Compadres! Vocês nan querem andar pr'a frente só aladam como o caranguejo, se não atrasam como o mijo da burra! Venha a água que faz falta!

- Boca tem você, Firmino! E que se faz aos porcos, vamos ensiná-los a nadar?

- Caraças, vomecê tem medo de andar a nadar aqui dentro da taberna? É isso?

- Tá-me a chamar porco?

- Não se vê logo que não? Eu quero é ver este Alentejo com cara nova, sem aranhões, mas com vinho bom, e melões que vendem bem e dão trabalho a muito povo. Se a nossa gente se desencostar do chaparro e der ó milho, a gente muda isto! É o que quero!

- Era lindo ver os porcos a nadar e as borregas de fato de banho! Dêxa-me rir!

Pouco entrou aqui o mano Rufino. Pensando nisso, arrisca-se a pensar que lhe girava na cabeça sem travão, alguma ideia, tão má como o vinho que bebia entrementes.

A luta entre as tradições velhas e já boas para cantares folclóricos, e os ventos novos que podiam soprar naquelas terras ressequidas e algo exaustas pelo sequeiro, arrepelavam as conversas de metade da população contra a outra metade, e isto é metafórico, porque se fossem pensar em dividir os que restam na terra de Montegrande, só encontrariam gente para

uma metade, não dava para duas!

Firmino e Rufino eram bem o emblema da situação. Um pelo seco, outro pelo molhado, ambos a gostar do seu Alentejo, mas cada um com a sua maneira diferente de o ver. Tragédia, não era, drama isso sim, que as casas eram em subida crescente, habitáculo para moscas e outros bichos igualmente pouco aconselháveis.

- Mano! Ao trigo dá a chuva o beber, às uvas e aos melões tens tu que pagar a água!

Vê-se já a imagem da terra neste espelho do “BORREGO DO LARGO”! Imobilismo, falta de imaginação, cansaço da mente, fatalismo da raça, deixa andar que sempre foi assim, há muito chaparro por aí...

A trovoada retumbou com um pretexto mais do que infantil: um concerto estival de um “famoso” cantor (?) o Violas Semedo. Longe estava o artista de sonhar que iria causar uma das piores cenas de pancadaria na terra, daquelas que nem a passagem dos combatentes pelo vinho do Largo, quase pôde acalmar! Pobre famoso das cantorias...

Coisa foi, que ao ilustre foram dizer que no fim do espectáculo ou no meio, tanto dava, arrancasse uma saudação especial aos trabalhadores da terra, sem esquecer o falar russo, já que havia alentejanos mas mais ucranianos a trabalhar por ali – bons compradores de discos com música alegre ainda que não percebessem muito bem as letras.

Ordem feita, ordem cumprida! Posta a gente no terreiro a ouvir e o mulhério a dançar a compasso, o artista Semedo, gargarejou vários “êxitos planetários” com pleno agrado da mais ou menos vasta audiência, entre os quais a crítica se alguma vez tivesse tido ocasião para isso, destacaria jóias como “A minha borreguinha doce” e o estrondoso “Ó filha estás ao fresco”. Enorme!

Mas veio a proclamação encomendada pelo agente e comerciante de CD’s!

Às palmas, disse o famoso:

- Obrigado! Obrigado! Muito obrigado, amigos alentejanos russos! Para vocês o meu obrigado por este...

Mais não conseguiu vocalizar! A surreada de assobios e de objectos subitamente voadores vindos das duas facções presentes, normalmente amigas entre si, deu pernas velozes aos organizadores do espectáculo começando pelo Semedo, agora com medo, mesmo assim sem conseguirem evitar boas e certas bordoadas, vindas democraticamente de qualquer dos lados sem olhar a religiões, credos ou partidos, salvo os que ficaram com algum osso menos inteiro!

Foi uma festa, uma grande festa! Contra as previsões já tidas acima, acabou tudo em grandes copázios de tinto e palmadas nas costas, igualmente sem olhar a religiões, credos ou partidos. Lucro farto para o Caraças do tasco!

Sabida já como era a vida em Montegrande, porque razão continuamos a contar histórias?

Muitas vezes da discórdia nasce uma luz qualquer. A iluminação foi na cabeça do Firmino Regado, a ideia de arrendar a “Herdade do Trabalho e Esperança”, assim que a rega se tornou realidade. Com o tempo e com muito trabalho, desempoeirado de ideias, maquinaria apropriada, veio a produzir uvas com tal qualidade que as começou a vender às grandes casas vinícolas. Teve êxito e nele, o orgulho de contratar gente alentejana de ideias e formas de trabalhar novas.

Na taberna nunca mais ninguém falou em dar fatos de banho às vacas e porcos...

Rufino Sequeiro, envelhecido, bisonho e teimoso, ficou na dele, trigo é que é bom. Será?

Vê-se que a polémica, com mais ou menos força, continua. Quem terá mais razão? Quem ganhará e com ele o Alentejo? Que acha?

A FORCADAGEM

FORCADOS AMADORES DE SÃO MANÇOS.



António José Zuzarte

Na vila de São Manços, com os seus mil habitantes, ali a poucos quilómetros da cidade de Évora, há, desde 1965, um grupo de forcados. Na planície alentejana, onde a bela São Manços se situa, junto à sua igreja, já muito antiga no tempo, corre a ribeira, onde nas suas águas se refrescavam, nos pegos de Verão, os seus jovens, que nasceram e cresceram nesta terra, para formarem o seu Grupo de Forcados. Antes da existência do Grupo, alguns que queriam ser forcados, pegavam nos Amadores de Santarém, Montemor ou Lisboa.

O primeiro cabo foi, o ainda hoje grande aficionado, Francisco Pereira. A sua aficção ao toiro e ao cavalo, fez dele, mais tarde, o primeiro espontâneo a aparecer numa praça de toiros, montando um dos seus cavalos enquanto o cavaleiro de alternativa trocava de montada. Foi um caso insólito e passou-se na castiça praça de toiros desta vila de tantos e tão bons aficionados. Caso único, que eu saiba, no mundo dos touros. Mas o Xico Pereira é assim...

Em 1972 passou o comando do Grupo ao Joaquim Azeda que até 1988 orientou os seus rapazes. Alcançaram triunfos sonantes e mantiveram acesa a chama que ainda hoje existe. Acompanha-os ainda bem de perto, com o seu conselho e o seu apoio de forçado experiente. A ele seguiu-se o Joaquim Carvalho até 2000. Na entrada do século XXI tomou a chefia o Rui Piteira e, em 2009, até este momento, o cabo do Grupo é o jovem Joaquim Branco, neto daquele que construiu a praça de touros e ajudou a manter bem viva a alma desta forcadagem.

O Alentejo, este Alentejo que temos no coração, tornou São Manços mais afeccionada e um local onde, a gastronomia e os bons vinhos, não podem ser esquecidos. A este povo amante do

espectáculo dos toiros, o seu Grupo de Forcados já deu muitas e muitas alegrias, muitas emoções fortes, pelos triunfos alcançados e, algumas vezes, as nuvens da tragédia também rondaram esta “Família” de homens das jaquetas de ramagens. Mas o Sol brilhará nestes campos alentejanos e o Homem e o Toiro continuarão a enfrentar-se para que a Grande Festa nunca morra. Os Forcados Amadores de São Manços serão uma das garantias para que isso não aconteça.

Não se redige em algumas dezenas de palavras todo o vasto historial deste punhado de valentes que, como todos os Forcados Amadores, a troco de nada, arriscam a vida em cada tarde e colocam bem alto esta Arte que os portugueses criaram... e ainda mantêm bem viva.



O TOUREIO E AS ARTES

O Toureio é uma modalidade que tem sido, e é, atacada por muita gente. Têm pena dos toiros que são mal tratados, da insensibilidade dos toureiros -os Forcados, talvez porque é neles que o toiro, impunemente, se desforra das provocações que sofre, são poupados. Falam de espetáculo de mau gosto, cruel, só do agrado das classes mais abastadas. Uma série de conceitos que só a ignorância do que falam justifica.

1º) A gênese do toureio a pé, está no Povo. Foram os "lacaiois", como ao tempo se apelidavam os empregados dos Senhores que, não tendo cavalos, e querendo também divertir-se, começaram a fazê-lo desafiando os toiros a pé. O êxito obtido levou à absorção do espetáculo pela fidalguia e burguesia, que o puseram a seu jeito. Mas desta vez o Povo não se deixou espoliar pacificamente. Com a conveniência das elites que precisava da sua valentia para prosseguir, entrou no jogo. Ao qual soube impor especial carisma. Saíram dele os primeiros toureiros que impuseram a Tauromaquia.

Tauromaquia que pela emoção, beleza, plasticidade e poesia que contém, inspirou poetas, pintores e escultores. Todavia, mesmo antes, como se pode observar nas pinturas

rupestres das grutas de Lascaux e Niaux, em Espanha e França, respetivamente, o toiro foi motivo de inspiração para o homem.

Porém não foram só "artistas" da pré-história que os jogos taureos conquistaram. A sua contínua progressão e sofisticação, fê-los tornarem-se mais atraentes, populares, aliciando diferentes artistas.

Na poesia vamos encontrar nomes como Nicolas Morantin com a sua reverente "ODE", dedicada a Pedro Romero. Juan Aznar Sanchez autor do "EL TOIRO MIO". O português Ary dos Santos com a conhecida e polémica "TOURADA." Rafael Alberti e o seu poema "LA MÚSICA CALLADA del TOREO" homenageando José Bergan.. E porque a Tauromaquia é motivadora, muitos mais existem. Tantos que seria fastidioso e monótono, nomeá-los todos. Não posso no entanto deixar de referir o tocante "LLANTO POR IGNACIO MEJIAS" do inesquecível Francisco Garcia Lorca, poeta da liberdade, prematuramente desaparecido por se opor à ditadura.

Na escrita temos de José Delgado Guerra (Pepe-Hillo), famoso toureiro do séc. XVII, o "TRATADO DO TOREO". Embora ditado pois o toureiro só sabia assinar, foi uma auten-

tica bússola do bem tourear. O enorme Eça de Queiroz, tanto no seu romance "OS MAIAS", como em vários artigos, também mostrou a sua predileção pelas touradas. Fialho de Almeida, José Ortega y Gasset e, acima de todos, Ernest Hemingway, igualmente lhes mostraram grande apreço. Ainda há mais mas...fico-me por aqui.

Na escultura encontramos artistas, génios, como Francisco Goya, com 33 gravuras dedicadas à Tauromaquia. O surrealista/abstrato Joan Miró. Os controversos Salvador Dali e Pablo Picasso. Este, talvez, o que lhe tenha manifestado maior apreço. Logo aos oito anos de idade, em óleo sobre madeira, desenhou "O TOUREIRO". Obra que passou a levar sempre consigo nas suas deslocações. Aos 87 anos, recuperando temas da sua juventude, pro-

duziu uma série de pinturas onde as touradas tinham grande destaque.

Com apreciadores desta qualidade e sensibilidade, tornam-se incompreensíveis as "mini" manifestações que se organizam contra o espetáculo tauromáquico e os argumentos usados para que seja proibido.

Proibi-los é trair a memória de Goya, Picasso, Dali, Miró, do colombiano Botero e de tantos outros artistas, de reconhecido mérito intelectual e humanista.No toureio há poesia, momentos maravilhosos, difíceis de descrever. Outros de uma plasticidade e harmonia contagiante. Assim a sentiram estes grandes nomes.

Proibir os espectáculos tauromáquicos é pois, limitar o talento, a liberdade de expressão e manifestar desprezo pelos valores culturais que ele transmite.



PREDITRADE

GESTÃO E INVESTIMENTOS, SA

TEMPOS DOUTRO TEMPO



O tempo é sempre um pêndulo de sentimentos no coração do homem. E por isso mesmo, com alguma facilidade, recuando a tempos não muito idos, por vezes ajudados pela memória de criança dos mais velhos, encontramos sinais que acabaram por vincar de forma indelével, as marcas da nossa identidade.

É que o alentejano, porque nunca gostou de pressas, sempre se levantou antes do tempo e sempre se deitou depois do tempo.

O galo anunciava a madrugada. Na planície, já homens e mulheres marcavam a passo e a compasso, por vezes das vozes, a caminhada para mais uma jornada. Não sem que antes houvesse tempo para enxugar o estômago com o magro conduto que nunca abundava nas mesas.

Ainda assim, quem passasse nas ruas sentia o cheiro que pelas chaminés acompanhava o fumo do azinho a arder misturado com o vapor do café que fervia nas cafeteiras.

A jornada era dura. O sol a sol agreste e felino determinava a tonalidade bronzeada dos rostos, o suor ensopava a roupa, qual pluviômetro do cansaço a que havia de resistir. Aliás, por perto, havia sempre um feitor, um ganhão, o próprio lavrador, chamando a contas aquele que se descuidava com um pouco de descanso.

A rudeza das ferramentas calejava. O esforço sobre-humano a que tinham de se sujeitar moldava a pele construindo uma história em cada ruga. Porém, a criação dos filhos, que eram quase sempre em grande número, falava mais alto. Sujeição! Resistência! Fizesse sol ou fizesse chuva. Na cava, na monda, na ceifa, na debulha, na vindima, na apanha da azeitona, fazendo o que fazia falta ser feito. Afinal ter trabalho até era “sinónimo” de felicidade e pão para a boca. É que havia quem não tivesse!

No regresso da faina, muitas vezes tarde e a más horas, era a mulher que ainda tinha a lide da casa, tratando do jantar. O mesmo é dizer, inventando qualquer coisa para enganar o estômago.

O homem, por seu lado, tinha a taberna como ponto de encontro. Era ali que se partilhava um naco de pão, um resto de conduto – grande petisco! - e se afo-gavam as mágoas no vinho que escorria pelas gargantas. Era também ali, e dessas gargantas, que brotavam sentimentos feitos modas que repetidamente ecoavam como se estivessem em êxtase.

No Verão, antes da deita, era o fresco da rua que antecipava a ida para a cama.

No Inverno, a lenha voltava a arder nas chaminés aquecendo as casas dos montes, das aldeias e vilas do Alentejo.

Os corpos caíam exaustos. A história da vida repetia-se no dia seguinte.

Foi essa a herança desse tempo. Hoje somos, como eles foram, herdeiros no sentimento, desses ceifeiros, desses poetas, desses amantes que fizeram o Alentejo.

Somos eles! Os que choram, os que trabalham, os que cantam, os que com o seu sangue e as suas mãos benditas remexeram a terra à procura do pão da morte, do pão da vida.

Outros tempos..., outros espaços...

AS MESMAS RAZÕES

O homem caminhava com dificuldade, figura curvada ao peso da enxada que transportava ao ombro, não pelo seu próprio peso mas pelos muitos anos passados a cavar a terra agreste, mas amiga. Nesse momento e devido ao facto de há muitos dias não chover, foi encontrá-la bem dura e enrugada, o que dificultava ainda mais a sua tarefa. Mesmo assim e após a tradicional cuspidela nas suas mãos calejadas, com elas abraçou o cabo da enxada e atacou os regos da horta, enquanto o serpentear da água da levada os tornava bastante mais tenros e acessíveis.

Era uma entre as muitas hortas que bordejavam o caminho térreo que partindo de Fontanelas ia dar à secular povoação de Janas, após deixar a capela circular de São Mamede ao seu lado direito. O velho caminho de São Mamede...! Nele e principalmente nas chuvas, somente a pé ou de burro, alguém se poderia aventurar naquelas andanças, ou não fosse o burro o maior todo-o-terreno de sempre.

E a feira de São Mamede, aquele local mágico onde todos os anos em Agosto as populações se concentravam, com os seus rituais, como a bênção do gado após as tradicionais voltas à capela, e os burros, muitos, muitos burros, zurrando em uníssono por entre os pinheiros, como que num apelo às gentes.

Numa época mais recente e após uma progressiva substituição do burro pelo tractor, mais feridas foram sendo abertas no caminho de São Mamede. Valas profundas dificultavam mesmo a progressão a pé, alternando a lama com o ressequido e gretado barro. Também as antigas hortas foram dando lugar a pinhal e baldios, e naquela mancha verde, muitas ilhas brancas sob a forma de casas, começaram

a invadir a paisagem outrora fértil no abastecimento de produtos da terra genuína às populações locais e do Concelho.

...

O homem desloca-se facilmente no seu tractor com atrelado sobre o tapete de asfalto que o leva a Janas, passando por São Mamede. Nas bermas desfilam, de modo quase ininterrupto, inúmeras casas ocupando o espaço onde em tempos verdejavam hortas e pomares.

A enxada já não o verga com o peso da terra e os legumes que transporta têm a sua origem em terras distantes, desconhecidas na sua maioria, dele e das gentes locais.

A água já não serpenteia nos regos dos feijoeiros, pois a levada há muito secou, bem como o pequeno rio que lhe deu origem e desde sempre a alimentou.

A feira de São Mamede lá continua nos agostos dos nossos dias. Mantém alguns dos seus rituais, mas o chamamento dos burros foi substituído pelos escapes dos tractores e das motas.

Lá bem ao fundo, para o lado das Azenhas, o mar, essa presença imutável no seu azul profundo e salgado, parece murmurar numa maré duma tarde dos nossos dias...

Outros tempos...



PROFISSÕES ABATIDAS

Estou ciente de que não me tornarei enfa-donho em abordar tal assunto, registando no texto a designação de certas actividades, desempenhadas por alguns dos membros da comunidade rural que fervilhava nas herda-des da minha terra-Galveias (Alto Alentejo), designadamente as que tinham a ver com a sua sobrevivência, atulhada de privações.

Assim, tínhamos:

Abegão - Era o responsável pela lavoura. Dirigia os ganhões. Por vezes, fazia trabalho de carpinteiro, consertando as alfaias agrícolas.

Alfeireiro - Encarregava-se da guarda das ovelhas ou das vacas que não estavam paridas.

Ajuda - Era o rapaz que auxiliava os maiores.

Alavoeiro - Pastor que andava com as ovelhas da ordenha.

Arrieiro - Condutor de animais de carga, principalmente de mulas e de machos. Também era conhecido por mulateiro.

Capador - Era o homem que, chamado a todas as herdades, capava os porcos, as porcas, os cavalos e os burros.

Carreiro - Andava com os carros puxados por muares e também fazia a lavoura.

Cavalista - Tratava dos cavalos de sela e de trem e acompanhava o lavrador (patrão) em longas viagens. Fazia muitas vezes o trabalho de ferrador. Também se lhe chamava cocheiro.

Ceifeiro(a) - Ceifavam os cereais para serem debulhados. Em ceifas de grande monta, o trabalho era feito por homens que vinham da Beira, a que se chamavam “ratinhos”.

Criada de portas adentro - Encarregava-se dos afazeres domésticos do monte.

Feitor - Era o representante do lavrador (patrão). Mandava em todos os serviços efectuados na herdade.

Ferrador - Punha as ferraduras no gado cavalor, muar e asinino.

Ganadeiro - Ocupava-se exclusivamente

do pastoreio dos gados. Designava-se tam-bém por maioral.

Havia várias classes:

Boieiro - encarregado de apascentar os bois de trabalho e os que eram destinados ao matadouro para consumo público

Cabreiro - guardava as cabras e ordenhava-as

Eguariço - velava pelas éguas nas pastagens

Porqueiro - guardava os(as) porcos(as)

Vaqueiro - tomava conta das vacas de trabalho e das que iam ser sacrificadas para consumo público. Por norma, estas classes eram auxiliadas pelos ajudas.

Ganhão - Moço que trabalhava na lavoura, orientado pelo abegão.

Guarda - Era o homem que, com o estatuto de autoritário, armado de cajado ferrado ou espingarda, percorria a herdade de lés a lés, para que nela não se infiltrassem intrusos que perturbassem a vida dentro dos seus limites.

Hortelão - Cultivava plantas comestíveis na horta para consumo do lavrador (patrão).

Maioral - Era o principal responsável pela guarda dos animais.

Manajeiro - Pessoa que dirigia os ranchos de homens ou de mulheres em determinados trabalhos.

Paquete - Rapaz que fazia os recados, aviando encomendas nas localidades próximas e o responsável pelo acarreto da água para os gastos do monte.

Roupeiro - Encarregava-se do fabrico dos queijos. Ajudava também os alavoeiros na ordenha das ovelhas, duas vezes por dia, e trazia o leite para a queijeira.

Hoje, a grande azáfama que se via nas herdades, morreu!

É o progresso dos tempos, dizem!

Já não se cheira, não se ouve, não se apalpa, não se afaga, não se aperta e não se esbo-roa a natureza que tudo dava em abundância!

Falar destas profissões é ouvir a voz de quem as praticava e cantar-lhes um hino de reconhecimento, estima e consideração.

A CULINÁRIA DO ALENTEJO

APRECIADA POR TURISTAS LUSÓFONAS

Em poucos países da Europa você se sentirá tão em casa, como em Portugal.

Nem poderia ser diferente já que são nossos “avós” e aí estão nossas raízes históricas e culturais.

Uma viagem inesquecível a Portugal, e à região do Alentejo, nos fez desfrutar da cozinha alentejana.

Uma acolhida generosa e amiga, a arte do bem comer e beber de sua gente, criou entre nós laços afetivos que perduram até hoje.

A açorda de Bacalhau servida na casa de Mourão, pela Graça, as pataniscas preparadas pela Leonor, o especial Bacalhau oferecido pela Rosa, o azeite de Ficalho, o vinho artesanal do Manuel, nos remetem à maravilhosa cozinha portuguesa e alentejana.

E o que dizer dos caracóis, que pela primeira vez experimentamos, servidos com uma cervejinha bem gelada?

Cultiva-se no Alentejo; o centeio, a cevada, a aveia, o milho e sobretudo o trigo.

Por isso o pão é fundamental na culinária alentejana.

O pão não é apenas um acompanhamento das refeições mas faz parte da maioria dos pratos: Açorda, gaspacho, migas, o ensopado de borrego, etc.

É utilizado ainda nas sopas e caldos e até mesmo na doçaria.

A doçaria portuguesa tem grande parte da sua origem nos conventos e mosteiros portugueses do século XVI.

A criatividade conventual extravasava em doces; ovos moles, pastéis de nata, barriga de freira, pão de rala, nógado, gila, etc.

É alto o consumo de azeite, azeitonas, ovos, açúcar, carne de porco, embutidos, sopas, caldos, queijos, de cabra e de ovelha.

Portugal é também grande produtor de queijos: o queijo de cabra Transmontano, o Serra da Estrela, o queijo de Azeitão, e o

Serpa o mais famoso dos queijos Alentejanos.

Favas, batatas, tomate, frutas secas além de ervas aromáticas e as especiarias, levam à mesa algumas receitas muito saborosas.

O Alentejo é uma das maiores regiões vinícolas de Portugal.

As muitas horas de sol e as temperaturas elevadas, permitem a maturação perfeita das uvas.

Tivemos a oportunidade de saborear, além do vinho do Porto e da Madeira, o Moscatel de Setubal, Borba, Reguengos de Monsaraz, o licor de ginja, entre outros.

A culinária Lusitana faz parte da mesa do brasileiro.

O gosto pelas variadas receitas de bacalhau, (o bolinho de bacalhau) o azeite, as sopas, o caldo verde, os cozidos, a caldeirada e a canja (utilizada como terapia dos convalescentes).

Por muito tempo a cozinha foi o centro da vida doméstica.

Após um dia duro de trabalho, a família se reunia em torno do fogão para comer, conversar, contar e ouvir estórias.

Com a correria do mundo moderno, a cozinha foi aos poucos perdendo o seu papel de lugar de reunião.

Mas esse ambiente, felizmente está voltando a ser valorizado.

Projetos de cozinha de todos os tamanhos e estilos, incluem além de eletrodomésticos, utensílios sofisticados e de última geração, onde pessoas se reúnem enquanto degustam petiscos e seus pratos prediletos tomando um bom vinho ou uma cerveja gelada, e pondo os assuntos em dia.

Uma refeição preparada por você mesma, é uma bem-vinda quebra na rotina frenética das grandes cidades.

BORRACHOS *à Minha Moda*

Ingredientes

- 0,5 litro de vinho branco
- 250 gramas de banha
- 1 cálice de aguardente
- 1 ovo inteiro
- farinha quanto baste

Preparação - Numa tigela coloca-se a farinha (eu começo por meio quilo), e faz-se um buraco no meio. Aquece-se um pouco o vinho, a banha e a aguardente.

De seguida, deita-se no buraco que se fez na farinha o ovo e começa-se a amassar. À medida que se amassa vai-se incorporando os restantes ingredientes e acrescentando mais

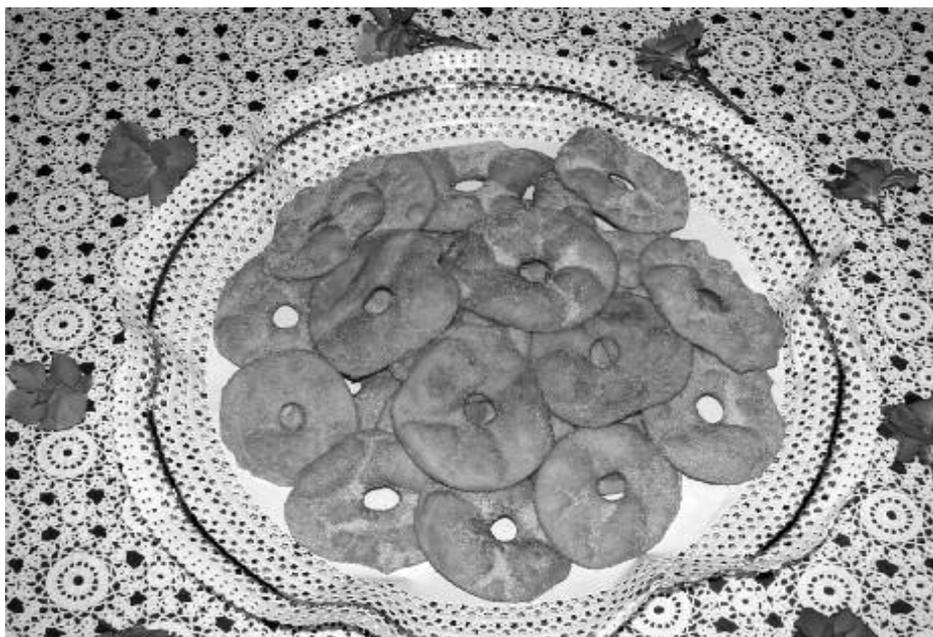
farinha, até ficar uma massa homogénea, aveludada.

De seguida estende-se com o rolo e cortam-se rodela, onde se faz um buraco.

Fritam-se em óleo bem quente e polvilham-se de açúcar e canela.

(Gosto da massa bem fina, quase transparente, e como também gosto deles pequenos, costumo cortar as rodela com forma de diâmetro equivalente a uma chávena de chá, para o buraco no meio pode-se utilizar um dedal).

Curiosidade: - Na minha terra, estes fritos faziam parte dos muitos doces que se faziam pelo carnaval.



ERVAS AROMÁTICAS, MEDICINAIS E ALIMENTARES

Como noutras vezes dissemos e hoje repetimos, no Alentejo, em todo o Alentejo, o uso das ervas é vulgar nas três áreas em título. No número anterior falamos da beldroega. Hoje vamos falar da **Erva-Das-Sete-Sangrias**.

Nome Científico

Lithodora prostata (Loisel.)Griseb

Características

Na Serra d'Ossa é uma planta comum, prefere ambientes frescos com alguma humidade.

Uso externo

Utilizada como emplastos sobre as feridas faz parar rapidamente as hemorragias e ajuda a uma rápida cicatrização.

Outros usos

Antigamente as suas sementes eram utilizadas para fazer colares

Época de florestação

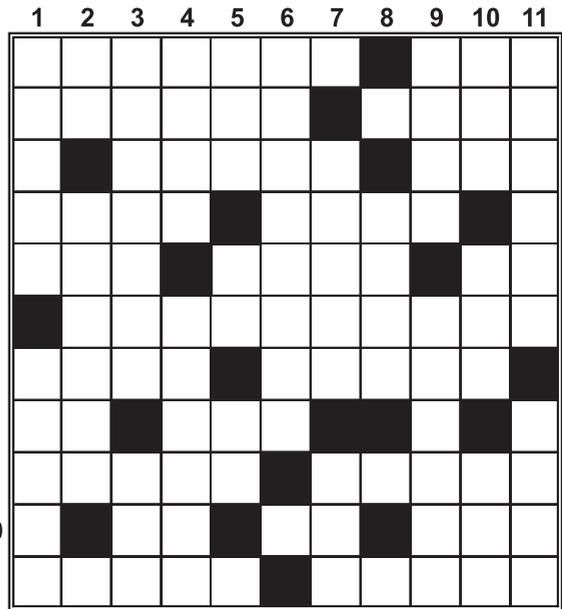
De Abril a Maio

*(in Plantas Mediciniais
da Serra d'Ossa)*



AS PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1- Parcela de terra cultivada, comprida e estreita; Passa de dentro para fora. 2- Leviana; Que pessoa? 3- Estupefaciente; Sapo do Amazonas (Bras.). 4- Divisória em igreja ou tribunal para separação dos assistentes ou dos espectadores; Impulso. 5- Deusa da misericórdia, segundo a mitologia escandinava; Lavar com arado ou charrua; Voz da cabra. 6- Estado de subordinação, de submissão a outrem (fig.). 7- Seio de mulher; Vasilha formada de aduelas, de boca mais larga do que o fundo, onde se pisam as uvas e se conserva o mosto. 8- Ano do Senhor (abrev. lat.); Vaso de pedra, para líquidos. 9- Dividir em lotes; Emblemas representados num brasão. 10- Antigo Testamento; Duzentos Romanos; Ovário de peixe. 11- Aguentar; Submeter à acção directa do fogo em seco, ou ao calor do forno.



VERTICAIS: 1- Ato de cantar, canto (Alent.); Chapa de metal para jogar o chinquillo. 2- Interjeição que se emprega para cumprimentar (Bras.); Contaminado. 3- Intrigaram; Tomografia Axial Computadorizada (sigla). 4- Extraordinária; Parte mais larga do alicerce que suporta uma construção. 5- Antigo nome de Tóquio; Carta de jogar; Pôr-se em movimento de um lado para outro. 6- Porção de uva ou de azeitona que se deita de uma vez no lagar. 7- Mudo; Cachaça de mau gosto (Bras.). 8- Discursar. 9- Transpirar; Espíritos que, segundo a crença dos cabalistas, presidem à Terra e a tudo o que ela contém. 10- Rio da Suíça, afluente do Reno; Que não é grande nem pequena; Antiga capital da Birmânia. 11- Fazem acreditar em algo que não é verdadeiro; Gastar com o uso.

Solução A A - 8 HORIZONTAIS: 1- Courela; Sat. 2- Atrada; Qual. 3- Droga; Arn. 4- Teta; Alor. 5- Eir; Arar; Mé. 6- Vassalagem. 7- Marna; Dorna. 8- AD; Pia. 9- Lotar; Armas. 10- AT; CC; Ova. 11- Arcar; Assar. **VERTICAIS:** 1- Carne; Malha. 2- Oi; Eivado. 3- Urdram; TAC. 4- Rara; Sapata. 5- Edo; Ás; Ir. 6- Lagarada. 7- Alalo; Aca. 8- Orar. 9- Suar; Gnomos. 10- Arr; Mea; Ava. 11- Iludem; Usar.

Bernardo Matos

ANUARIO CALENDÁRIO 2012

Janeiro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

○01 ●08 ●16 ○23

01 Dia de Ano Novo
06 Dia de Reis

Fevereiro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
			01	02	03	04
05	06	07	08	09	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29			

○07 ●14 ●22 ○29

14 Dia de São Valentim
21 Carnaval

Março

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
				01	02	03
04	05	06	07	08	09	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

○07 ●15 ●22 ○30

19 Dia do Pai

Abril

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30					

○06 ●13 ●21 ○28

06 Sexta-Feira Santa
08 Páscoa
25 Dia da Liberdade (25 de Abril)

Maio

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
		01	02	03	04	05
06	07	08	09	10	11	12
13	14	15	16	17	18	19
20	21	22	23	24	25	26
27	28	29	30	31		

○06 ●13 ●20 ○28

01 Dia do Trabalhador
06 Dia da Mãe

Junho

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
					01	02
03	04	05	06	07	08	09
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

○04 ●11 ●19 ○26

01 Dia Mundial da Criança
07 Corpo de Deus
10 Dia de Portugal
13 Dia de Santo António
24 Dia de São João
29 Dia de São Pedro

Julho

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
01	02	03	04	05	06	07
08	09	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31				

○04 ●11 ●18 ○26

26 Dia Mundial dos Avós

Agosto

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
			01	02	03	04
05	06	07	08	09	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

○02 ●09 ●17 ○24

15 Assunção de Nossa Senhora

Setembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
						01
02	03	04	05	06	07	08
09	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30						

○01 ●08 ●15 ○23

Outubro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
	01	02	03	04	05	06
07	08	09	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31			

●08 ●15 ○22 ○30

01 Dia Internacional da Música
05 Implantação da República

Novembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
				01	02	03
04	05	06	07	08	09	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	

●06 ●13 ○21 ○28

01 Dia de Todos os Santos

Dezembro

Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
						01
02	03	04	05	06	07	08
09	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

●06 ●13 ○20 ○28

01 Restauração da Independência
08 Dia da Imaculada Conceição
25 Natal

FERIADOS EM 2012

1 Janeiro (Dom.)	Solenidade de Sta. Maria Mãe de Deus
21 Fevereiro (3ª f.)	Carnaval
6 Abril (6ª f.)	Sexta-feira Santa
8 Abril (Dom.)	Páscoa
25 Abril (4ª f.)	Dia da Liberdade
1 Maio (3ª f.)	Dia do Trabalhador
7 Junho (5ª f.)	Corpo de Deus
10 Junho (Dom.)	Dia de Portugal
15 Agosto (4ª f.)	Assunção de Nossa Senhora
5 Outubro (6ª f.)	Implantação da República
1 Novembro (5ª f.)	Todos os Santos
1 Dezembro (Sáb.)	Restauração da Independência
8 Dezembro (Sáb.)	Imaculada Conceição
25 Dezembro (3ª f.)	Natal

FERIADOS MÓVEIS

Ano	Terça-Feira de Carnaval	Sexta-Feira Santa	Páscoa	Corpo de Deus
2012	21 de Fevereiro	6 de Abril	8 de Abril	7 de Junho

FASES DA LUA EM 2012

(Tempo Universal)

Lua Nova ●			Quarto Crescente ☽		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	23	07.39	Janeiro	1	06.15
-			Janeiro	31	04.10
Fevereiro	21	22.35	-		
Março	22	14.37	Março	1	01.21
-			Março	30	19.41
Abril	21	07.18	Abril	29	09.57
Maio	20	23.47	Maio	28	20.16
Junho	19	15.02	Junho	27	03.30
Julho	19	04.24	Julho	26	08.56
Agosto	17	15.54	Agosto	24	13.54
-			-		
Setembro	16	02.11	Setembro	22	19.41
Outubro	15	12.03	Outubro	22	03.32
Novembro	13	22.08	Novembro	20	14.31
Dezembro	13	08.42	Dezembro	20	05.19

Lua Cheia ○			Quarto Minguante ☾		
Mês	Dia	H. m.	Mês	Dia	H. m.
Janeiro	9	07.30	Janeiro	16	09.08
-			-		
Fevereiro	7	21.54	Fevereiro	14	17.04
Março	8	09.39	Março	15	01.25
-			-		
Abril	6	19.19	Abril	13	10.50
Maio	6	03.35	Maio	12	21.47
Junho	4	11.12	Junho	11	10.41
Julho	3	18.52	Julho	11	01.48
Agosto	2	03.27	Agosto	9	18.55
Agosto	31	13.58	-		
Setembro	30	03.18	Setembro	8	13.15
Outubro	29	19.49	Outubro	8	07.33
Novembro	28	14.46	Novembro	7	00.36
Dezembro	28	10.21	Dezembro	6	15.31

ECLIPSES EM 2012

No ano de 2012 haverá 4 eclipses, dois do Sol e dois da Lua:

- I. 20-21 de Maio Eclipse anular do Sol
- II. 4 de Junho Eclipse parcial da Lua
- III. 13-14 de Novembro Eclipse total da Lua
- IV. 28 de Novembro Eclipse penumbral da Lua

I. 20-21 de Maio: Eclipse anular do Sol *

Começa às 20h56m; O Eclipse central começa às 22h09m; Termina às 02h49m.
Grandeza do eclipse: 0,9439 considerando o diâmetro do sol como unidade.

** Visível a partir da Europa de Leste, Ásia, Gronelândia, América do Norte, Oceano Ártico, e do norte do Oceano Pacífico.*

II. 4 de Junho: Eclipse parcial da Lua *

A Lua entra na sombra às 09h59m; Meio do Eclipse às 21h16m; A Lua sai da sombra às 12h07m.

Grandeza do eclipse: 0,376 considerando o diâmetro da lua como unidade.

** Visível a partir da Ásia, Austrália, Antártida, América do Norte e do Sul, e do Oceano Pacífico.*

III. 13-14 de Novembro: Eclipse total da Lua *

Começa às 17h23m; o Eclipse central começa às 20h36m; o Eclipse central termina às 23h47m; O Eclipse termina às 00h46m.

Grandeza do eclipse: 1,05 considerando o diâmetro da lua como unidade.

** Visível a partir da Austrália, Antártida, do extremo sul da América do Sul, e do sul do Oceano Pacífico.*

IV. 28 de Novembro: Eclipse penumbral da Lua *

A Lua entra na penumbra às 12h13m; Meio do Eclipse às 14h33m; A Lua sai da penumbra às 16h53m.

Grandeza do eclipse: 0,0942 considerando o diâmetro da lua como unidade.

** Visível a partir da Europa, África Ocidental, Ásia, Austrália, América do Norte, Gronelândia, e Oceanos Índico e Pacífico.*

INÍCIO DAS ESTAÇÕES EM 2012

Primavera (Equinócio ♈)

Verão (Solstício ☊)

Outono (Equinócio ♎)

Inverno (Solstício ☗)

Março..... 20 às 05h;14m

Junho..... 20 às 23h.09m

Setembro.... 22 às 14h.49m

Dezembro... 21 às 11h;12m

MUDANÇAS DA HORA EM 2012:

Domingo 25 de Março e domingo 28 de Outubro,
à 01;00 hora, tempo universal

LEGISLAÇÃO:

Portugal continental

Decreto-Lei nº. 17/96, de 8 de Março

Artigo 1º.

1 - A hora legal de Portugal continental coincide com o tempo universal coordenado (UTC) no período compreendido entre a 1 hora UTC do último domingo de Outubro e a 1 hora UTC do último domingo de Março seguinte (hora de Inverno).

2 - A hora legal coincide com o tempo universal coordenado aumentado de sessenta minutos no período compreendido entre a 1 hora UTC do último domingo de Março e a 1 hora UTC do último domingo de Outubro (hora de Verão).

Artigo 2º.

As mudanças de hora efectuar-se-ão adiantando os relógios de sessenta minutos à 1 hora UTC do último domingo de Março e atrasando-os de sessenta minutos à 1 hora UTC do último domingo de Outubro seguinte.

Região Autónoma da Madeira

Decreto Legislativo Regional nº. 6/96/M, de 25 de Junho

Artigo 1º.-1 - A hora legal da Região Autónoma da Madeira coincide com o tempo universal coordenado (UTC) no período compreendido entre a 1 hora UTC do último domingo de Outubro e a 1 hora UTC do último domingo de Março seguinte (hora de Inverno).

2 - A hora legal coincide com o tempo universal coordenado aumentado de sessenta minutos no período compreendido entre a 1 hora UTC do último domingo de Março e a 1 hora UTC do último domingo de Outubro (hora de Verão).

Art. 2º. As mudanças de hora efectuar-se-ão adiantando os relógios de sessenta minutos à 1 hora UTC (à 1 hora de tempo legal) do último domingo de Março e atrasando-se de sessenta minutos à 1 hora UTC (às 2 horas de tempo legal) do último domingo de Outubro seguinte.

Região Autónoma dos Açores

Decreto Legislativo Regional nº. 16/96/A, de 1 de Agosto

Artigo 1º. A hora legal dos Açores coincide com o tempo universal coordenado (UTC) diminuído de sessenta minutos no período compreendido entre a 1 hora UTC do último domingo de Outubro e a 1 hora UTC do último domingo de Março seguinte (período da hora de Inverno) e coincide com o tempo universal coordenado no período compreendido entre a 1 hora UTC do último domingo de Março e a 1 hora UTC do último domingo de Outubro seguinte (período da hora de Verão).

Art. 2º. As mudanças de hora efectuar-se-ão adiantando os relógios de sessenta minutos à 1 hora UTC (0 horas de tempo legal) do último domingo de Março e atrasando-os de sessenta minutos à 1 hora UTC (1 hora de tempo legal) do último domingo de Outubro seguinte.

DURAÇÃO DOS ANOS, MESES E DIAS

	<u>Tempo solar médio</u>
Ano trópico* (equinócio a equinócio)	365 ^d 05 ^h 48 ^m 45 ^s ,2
Ano sideral (estrela fixa a estrela fixa)	365 ^d 06 ^h 09 ^m 09 ^s ,8
Ano anomalístico (periélio a periélio)	365 ^d 06 ^h 13 ^m 52 ^s ,5
Ano de eclipse (nodo a nodo)	346 ^d 14 ^h 52 ^m 54 ^s ,7
Mês sinódico (Lua nova a Lua nova)	29 ^d 12 ^h 44 ^m 02 ^s ,9
Mês trópico (equinócio a equinócio)	27 ^d 07 ^h 43 ^m 04 ^s ,7
Mês sideral (estrela fixa a estrela fixa)	27 ^d 07 ^h 43 ^m 11 ^s ,6
Mês anomalístico (perigeu a perigeu)	27 ^d 13 ^h 18 ^m 33 ^s ,1
Mês draconiano (nodo a nodo)	27 ^d 05 ^h 05 ^m 35 ^s ,9
Dia sideral	23 ^h 56 ^m 04 ^s ,090 53
	<u>Tempo Sideral</u>
Dia solar médio	24 ^h 03 ^m 56 ^s ,555 37

* O ano trópico é o ano das estações, que define o nosso ano civil: é o intervalo de tempo decorrido entre 2 passagens consecutivas do Sol pelo equinócio vernal. Também é referido como ano solar, ano astronómico, ano natural e ano equinocial.

(Dados fornecidos pelo 'Observatório Astronómico de Lisboa' – Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa: www.oal.ul.pt)

SIGNOS DO ZODÍACO

Chama-se zodíaco ao conjunto de constelações ao longo da eclíptica, um grande círculo imaginário na esfera celeste no qual o Sol se parece mover ao longo de um ano. Zodíaco (do latim *zōdiacus* ou "círculo de animais") é uma faixa imaginária do firmamento celeste que inclui as órbitas aparentes da Lua e dos planetas Mercúrio, Vénus, Marte, Júpiter, Saturno, Úrano e Neptuno. As divisões do zodíaco representam as constelações na astronomia e os signos na astrologia.

Seguem-se as características de cada signo.



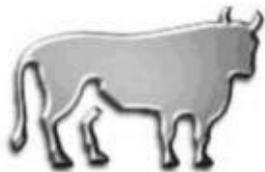
Carneiro - 21/03 a 20/04

Carneiro é um dos quatro signos Cardeais, por estar ligado à mudança de estação e do solstício, tendo como elemento o Fogo.

Com os nativos de Carneiro e os que o têm como ascendente, a primeira impressão é a de uma pessoa egocêntrica e de um signo independente, assertivo e impulsivo. Os Carneiros não perdem tempo e quando tomam uma decisão, agem sobre ela de forma habitualmente rápida.

São energéticos, criativos, destemidos e determinados. Altamente competitivos, gostam de se pôr à prova constantemente. Líderes natos, gostam de ocupar cargos de chefia e de desempenhar funções de responsabilidade.

Apresentam qualidades como a coragem e lealdade mas também a impaciência e têm um forte sentido de individualidade.



Touro – 21/04 a 20/05

O elemento deste signo fixo é a Terra, correspondendo à segunda casa astrológica, a do dinheiro e recursos.

Os nativos de Touro transmitem a imagem de alguém prático e de quem se pode depender e que tem os pés bem assentes na terra. Com a atenção centrada nos valores mais práticos, tomam decisões que sirvam as suas necessidades de forma tangível. Não se adaptam muito bem à mudança, sob quaisquer condições. Apreciam o bem-estar e o conforto e valorizam a segurança material.

São racionais, práticos e frontais. Dinâmicos, esforçados e competentes, o seu trabalho nunca passa despercebido. Apesar de demorarem o seu tempo a começar, têm uma personalidade determinada e metódica, características que aplicam no decorrer e conclusão das tarefas em mão. Gostam de aproveitar tudo o que a vida tem para lhes oferecer e apreciam a ordem, a organização e o conforto.



Gémeos – 21/05 a 20/06

O elemento deste signo mutável é o Ar, correspondendo às ideias e à comunicação. Uma das características de um nativo de Gémeos é a capacidade argumentativa que usa para entrar e sair de situações, fazendo parecer simples o que por vezes é bastante complicado. É um pensador criativo, original e um tanto visionário, expressando-se de forma eloquente. Tende a identificar-se com as suas ideias e, devido à sua destreza, facilmente coloca em prática os seus projectos.

Expressa-se com facilidade e apesar de parecer superficial, tem normalmente algo a dizer quanto aos seus pontos de vista. Com uma mente sempre em funcionamento, a saltar de ideia em ideia, as palavras acabam por funcionar como âncora para os seus pensamentos. Distraídos, descontraídos e espontâneos, encaram a vida como uma aventura e não temem os desafios.



Caranguejo – 21/06 a 21/07

A Água é o elemento deste signo cardeal. A imagem de um nativo de Caranguejo surge como a de alguém protector, orientado para a família e extremamente sensível ao meio que o rodeia. São generosos, sensíveis, emotivos e muito intuitivos.

Têm uma personalidade inconstante, mudam de humor facilmente e são bastante temperamentais. Como mecanismo de auto protecção, tendem a fechar-se na sua ‘concha’ quando se sentem ameaçados emocionalmente.

Uma das suas características é criarem fortes laços com os que lhes são próximos. Os laços familiares são emocionalmente ainda mais fortes. São leais mas acabam por ser um pouco possessivos no que diz respeito à lealdade dos outros.



Leão – 22/07 a 22/08

Este signo fixo com o Fogo como elemento é governado pelo Sol na quinta casa astrológica, apurando naturalmente o seu desejo criativo.

Os que nasceram sob o signo de Leão, mostram o orgulho e a dignidade como características marcantes da sua personalidade. Os nativos de Leão possuem uma grande força de vontade, a par da grande fé e confiança que depositam em si próprios. São corajosos, determinados, persistentes e ousados

Gostam de apresentar o seu melhor e esforçam-se por isso, vestindo-se adequadamente e com bom gosto para qualquer ocasião. De uma forma geral, um Leão gosta de fazer tudo com um floreado e gosta que o mundo veja.

Profissionalmente são muito competentes e possuem um espírito de liderança bastante desenvolvido.



Virgem – 23/08 a 22/09

É o signo mutável com Terra como elemento, realçando o aspecto prático com que usa os recursos. A imagem da personalidade que um nativo de Virgem transmite é a de alguém que presta muita atenção ao pormenor, metuculoso e perfeccionista, em especial no seu trabalho.

São metuculosos e apurados com a limpeza e a aparência e muito preocupados com a saúde, física e mental.

Aqueles que nascem sob este signo são inteligentes, racionais, metódicos e extremamente organizados. Dotados de um carácter forte e determinado, são discretos mas lutam por aquilo que querem. Têm uma inteligência rápida e crítica, gostam de trabalhar em equipa e têm tendência para desempenhar tarefas que exijam um elevado grau de precisão.



Balança – 23/09 a 22/10

Balança é o signo cardeal do Ar. Os nativos de Balança são pessoas atraentes, não só pela aparência mas também pelo seu carisma e personalidade. São sinceros e tímidos mas simpáticos e cordiais e têm um aguçado sentido estético. Extremamente justos, não suportam injustiças e combatem a mentira e o engano.

Os indivíduos de Balança possuem normalmente talentos artísticos e para embelezar o meio envolvente. Em regra, não gostam de estar sozinhos e a cooperação com os outros é sempre um objectivo. Balança é o signo mais sociável do zodíaco. Beleza, equilíbrio e harmonia são os que procuram nas pessoas e no meio que as rodeia. Ambientes mais adversos ou que não proporcionem estas condições podem afectar a sua saúde física e mental.



Escorpião – 23/10 a 21/11

Escorpião é o signo fixo da Água. Os nativos de Escorpião são determinados, firmes e prudentes. Com uma personalidade um tanto ou quanto difícil de controlar, são bastante reservados quanto aos seus assuntos mas muito curiosos quanto aos dos outros. Têm um talento nato para descobrir segredos e informação confidencial. Estão sempre intuitivamente alerta para mudanças inevitáveis e conscientes das que se avizinham.

Por vezes são um pouco implacáveis, quando se sentem ameaçados ou traídos, no entanto podem ser pessoas verdadeiramente encantadoras quando se sentem confiantes.



Sagitário – 22/11 a 21/12

Sagitário é o signo mutável do Fogo. Os Sagitários têm uma personalidade entusiasta, otimista e sempre de olhos postos no futuro. São confiantes e não há nada que os faça perder a exuberância pela vida pois são capazes de encontrar sempre um lado positivo para tudo. Quem nasce sob a influência deste signo é sincero, franco, otimista e bem-humorado. De coração generoso, são capazes de fazer todo o tipo de sacrifícios por aqueles que amam.

Um Sagitário tem muitas filosofias, e porque entende que as nossas motivações e formas de pensar estão relacionadas com a época e o local onde estamos, as suas ideias e argumentos podem soar quase proféticos. Têm um poder de argumentação e de síntese e gosto pelo conhecimento e pelo estudo.

Amantes das viagens e da aventura, nunca estão parados e procuram emoção para a sua vida. Curiosos, adoram o desporto, as competições e o ar livre.



Capricórnio – 22/12 a 20/01

Corresponde ao signo cardeal de Terra, ligado às profissões e carreira. O ascendente de Capricórnio desperta, na personalidade deste signo, a ambição e vontade de perseguir e alcançar uma segurança material. São racionais, determinados e trabalhadores. Tomam em consideração tudo a que têm acesso e ao seu redor para facilitar a subida ao sucesso. Aham-se merecedores de retribuição por tudo com que contribuem, gostando de ser reconhecidos por isso.

Prudentes, organizados e metódicos, são capazes de lidar com grandes responsabilidades e obrigações. Preocupam-se bastante com a sua reputação e sentem a necessidade máxima de realização pessoal.



Aquário – 21/01 a 19/02

Aquário é o signo fixo de Ar. A personalidade de Aquário parece funcionar maioritariamente no plano mental. Intelectuais e com pontos de vista independentes, as suas opiniões vão muitas vezes de encontro às crenças populares e teorias gerais. Parecem estar à frente do seu tempo ou ser mesmo brilhantes e tendem a chocar com as suas ideias e modo de pensar. São originais, criativos e possuem um temperamento bastante imprevisível, pendendo para a irritação quando os outros não percebem as suas ideias. Para um Aquário, a segurança está na companhia de pensadores como ele onde as suas ideias são compreendidas. Apreciam a liberdade, não gostam de se sentir presos a nada nem a ninguém e por isso têm uma certa dificuldade em assumir compromissos. Desprezam a hipocrisia, a falsidade e a imitação, e depositam toda a sua lealdade nos seus amigos.



Peixes – 20/02 a 20/03

Peixes é o signo mutável de Água. Os nativos de peixes mostram-se misteriosamente charmosos e quase frágeis. Mostram um nível de consciencialização que muitos desconhecem. Extremamente sensitivos, conseguem aperceber-se dos sentimentos daqueles que estão à sua volta. São compreensivos, tolerantes e muito dedicados. Não são pessoas materialistas, entregando-se frequentemente de corpo e alma a causas que os outros vêem como perdidas. Possuem uma paz interior invejável e conseguem manter-se calmos nas circunstâncias mais adversas.

Os peixes costumam ser bastante artísticos por natureza, virados sobretudo para a música e a dança, mas também para a pintura e a representação. Nada egoístas e muito dedicados, fecham os olhos aos defeitos dos que amam.



TABELA DAS ENCHENTES E VAZANTES DAS MARÉS								
Idade da Lua	Preia-mar			Baixa-mar				
	Manhã		Tarde	Manhã		Tarde		
	<i>H</i>	<i>m</i>	<i>H</i>	<i>m</i>	<i>H</i>	<i>m</i>	<i>H</i>	<i>m</i>
1 16	3	55	4	19	10	7	10	31
2 17	4	44	5	17	10	55	11	19
3 18	5	31	5	55	11	43	0	7
4 19	6	19	6	43	0	31	1	55
5 20	7	7	7	31	1	19	2	43
6 21	7	55	8	19	2	7	2	31
7 22	8	43	9	7	2	55	3	19
8 23	9	31	9	55	3	43	4	7
9 24	10	19	10	43	4	31	4	55
10 25	11	7	11	31	5	19	5	43
11 26	11	55	0	19	6	7	6	31
12 27	0	43	1	7	6	55	7	19
13 28	1	31	1	52	7	43	8	7
14 29	2	19	2	43	8	31	8	55
15 30	3	7	3	31	9	19	9	48

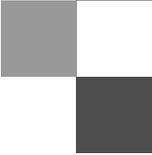
Conhecem-se as horas das marés pela idade da lua, que data do 1º dia a seguir à lua nova. Procurando esta idade na tabela acima, obtêm-se as horas da preia-mar num dia qualquer. Por exemplo, querem saber-se as preia-mares e baixa-mares do dia 10 de Janeiro. Procuramos este dia na página do mês de Janeiro e saberemos que é o 6º dia da lua, e procurando na 1ª coluna da tabela o 6º dia da lua, encontramos o que desejamos na mesma linha horizontal.

Quando na tabela das primeiras marés se notam marés da tarde, as marés da manhã desse dia são as segundas do dia anterior. Como acontece no dia 30 da lua, cujas marés da manhã são as segundas do dia 29. No horário de verão, de 27 de Março a 29 de Outubro, adiciona-se uma hora. Para a precisão exacta, consulte o Instituto Hidrográfico, Lisboa.

Obs.: As horas das marés do dia 1 são as mesmas do dia 16, as do dia 2 são as mesmas do dia 17, e assim por diante.

(Dados do Instituto Hidrográfico: www.hidrografico.pt)

COMENTÁRIOS / ANOTAÇÕES



COMENTÁRIOS / ANOTAÇÕES





JORDÃO

CONSERVAÇÃO E RESTAURO

Dedicamo-nos à prestação de serviços e consultoria nas áreas do tratamento, conservação e restauro do património, com trabalho feito e algum em curso, com profissionais abalizados, cujo curriculum acompanha os nossos orçamentos:

RESTAUROS

Pintura mural e de cavalete
Douramento
Estuque decorativo
Azulejos
Livros
Arte sacra
Madeiras

PINTURA DECORATIVA

Tectos, paredes, móveis e pavimentos

DESIGN DE INTERIORES

CONSULTORIA

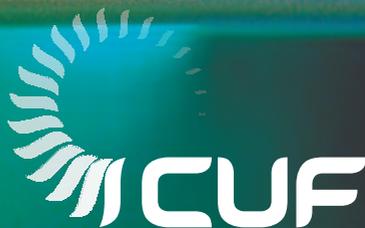
Tratamento, protecção e restauro de superfícies

Alentejo: Rua de S. Sebastião (antiga Rua de Fora), 11 .. 7240 Mourão
Lisboa: Rua de S. Tomé, 37 – r/c .. 1100-561 Lisboa
Tel./Fax 218 878 001 – Tm. 964 865 398, 961 696 915
luis.bb.jordao@gmail.com

FOGO, AR, INOVAÇÃO,
RESPONSABILIDADE.

4 ELEMENTOS DA LIDERANÇA.

A CUF lidera a indústria química em Portugal. Com uma história que atravessa três séculos, entra agora num ciclo de afirmação global. Com vista a responder aos complexos desafios da sociedade contemporânea, o Grupo CUF reestruturou-se e assumiu uma nova imagem. A mudança simboliza a vontade de continuar a crescer, mantendo os valores da sua tradição de excelência. A este espírito junta-se um dinamismo de constante inovação, aquilo que faz com que o Grupo CUF continue a ser decisivo para o futuro económico de Portugal.



ORIGINAL É O QUE ESTÁ PERTO DA ORIGEM

www.cuf.pt